

RICK RIORDAN

O CAJADO DE SERÁPIS

COM ANNABETH CHASE E SADIE KANE



CONFIRA
UM TRECHO DE
"O SANGUE
DO OLIMPO"

intrínseca

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.site](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#)

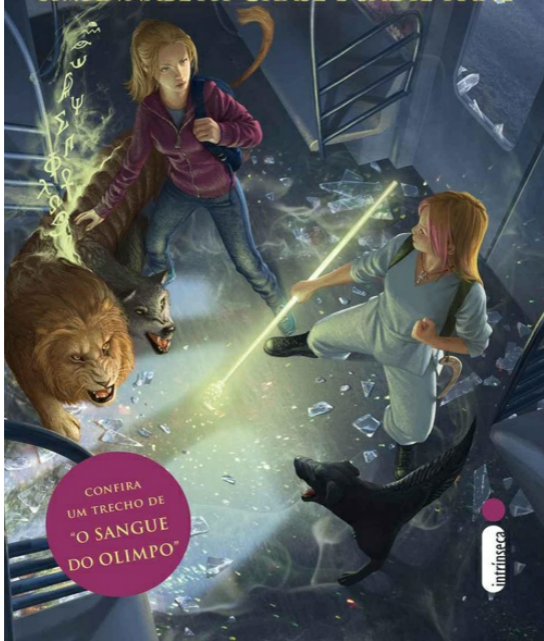
"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



RICK RIORDAN

O CAJADO DE SERÁPIS

COM ANNABETH CHASE E SADIE KANE



CONFIRA
UM TRECHO DE
"O SANGUE
DO OLIMPO"

intrínseca



Rick Riordan

O CAJADO DE SERÁPIS

UMA AVENTURA DE ANNABETH CHASE E SADIE KANE

TRADUÇÃO DE REGINA WINARSKI

Copy right © 2014 by Rick Riordan

Edição em português negociada por intermédio de Nancy Gallt Literary Agency e Sandra Bruna

Agencia Literaria, S.L.

TÍTULO ORIGINAL

The Staff of Serapis

REVISÃO

Juliana Pitanga

REVISÃO DE EPUB

Viviane Maurey

ILUSTRAÇÃO DOS HIERÓGLIFOS

Michelle Gengaro-Kokm en

Reproduzido com perm issão da Disney Hy perion Books. Todos os direitos reservados.

ARTE DE CAPA

Antonio Javier Caparo

ADAPTAÇÃO DE CAPA

Julio Moreira

GERAÇÃO DE EPUB

Intrinseca

E-ISBN

978-85-8057-635-1

Edição digital: 2014

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.

Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar

22451-041 — Gávea

Rio de Janeiro — RJ

Tel./Fax: (21) 3206-7400

www.intrinseca.com.br



»

»

»

Sumário

[Capa](#)

[Folha de rosto](#)

[Créditos](#)

[Mídias sociais](#)

[O cajado de Serápis](#)

[Leia um trecho de O sangue do Olimpo](#)

[Sobre o autor](#)

[Saiba mais sobre as séries do autor](#)

[Titulos relacionados](#)

Annabeth achava que o dia não podia piorar até o momento em que viu o monstro de duas

cabeças.

Ela passou a manhã toda fazendo trabalhos atrasados da escola. (Faltar aulas com frequência

para salvar o mundo de monstros e deuses gregos canalhas estava acabando com suas boas

notas.) Depois, teve que dispensar um filme e com o namorado, Percy, e alguns amigos, para

poder concorrer a um estágio de férias de verão em uma empresa de arquitetura. Infelizmente,

seu cérebro tinha virado papinha de bebê. Ela estava certa de que fora mal na entrevista.

Finalmente, por volta das quatro da tarde, quando se arrastava pelo parque da Washington

Square a caminho da estação de metrô, ela pisou em uma bosta de vaca fresquinha.

Olhou com irritação para o céu.

— Hera!

Os pedestres olharam para ela com expressões esquisitas, mas Annabeth não se importou.

Estava cansada das brincadeiras da deusa. Já tinha feito *tantas* coisas para Hera, mas a

rainha do céu continuava a deixar presentes de seu animal sagrado bem onde Annabeth podia

pisar. A deusa devia ter um rebanho de vacas dissimuladas patrulhando Manhattan.

Quando chegou à estação da rua Quatro Oeste, Annabeth já estava um pouco exausta e

só queria pegar o trem até a casa de Percy. Estava tarde para o cinema, mas talvez eles

pudessem jantar ou fazer algum outra coisa.

E, então, ela viu o monstro.

Annabeth já tinha visto muita coisa doida antes, mas aquela fera ia direto para a lista “O que

os deuses estavam pensando?”. Parecia um leão e um lobo grudados, colados de bunda em uma

concha de caranguejo enorme.

A concha em si era uma espiral arredondada, com uma casquinha de sorvete, com quase dois

metros de comprimento e uma abertura irregular no meio, com o se tivesse

rachado e depois sido

colada de volta. Saindo de cima havia as pernas dianteiras e a cabeça de um lobo cinzento, à

esquerda, e um leão de juba dourada, à direita.

Os dois animais não pareciam felizes por compartilhar a concha. Eles a arrastaram pela

plataforma, zigzagueando, enquanto um tentava ir para um lado e outro seguia para o lado

oposto. Rosnaram um para o outro com irritação. Depois, pararam e farejaram o ar.

Passageiros seguiam direto. A maioria contornava o monstro e o ignorava. Alguns só franziam

a testa ou pareciam irritados.

Annabeth já tinha visto a Névoa em ação muitas vezes, mas sempre ficava impressionada

com a forma com o véu mágico era capaz de distorcer a visão mortal, tornando até o mais

feroz dos monstros uma coisa explicável: um cachorro vadio ou talvez um sem-teto enrolado em

um saco de dormir.

As narinas do monstro se dilataram. Antes que Annabeth pudesse decidir o que fazer, as duas

cabeças se viraram e olharam diretamente para ela.

Annabeth buscou sua faca. Então lembrou-se que não tinha uma. No momento, sua arma

mais mortal era a mochila, que estava lotada de pesados livros da biblioteca pública sobre

arquitetura.

Ela acalmou a respiração. O monstro estava a quase dez metros de distância.

Lutar com um leão-lobo-caranguejão no meio de uma estação de metrô lotada não era sua

primeira opção, mas, se fosse necessário, faria isso. Ela era filha de Atena.

Então encarou a fera, deixando claro que estava disposta a brigar.

— Pode vir, Caranguejão — disse ela. — Espero que você tenha alta tolerância à dor.

As cabeças de leão e de lobo mostraram os dentes. O chão tremeu. O ar correu pelo túnel

enquanto um trem chegava.

O monstro rosnou para Annabeth. Ela poderia jurar que havia uma expressão de

arrependimento nos olhos dele, como se pensando: *Eu adoraria partir você em pedacinhos, mas*

tenho um compromisso em outro lugar.

Naquele momento, o bicho se virou e saiu andando, arrastando a enorme concha atrás. Ele

desapareceu escada acima, na direção do trem A.

Por um momento, Annabeth ficou perplexa demais para se mexer. Poucas vezes ela tinha

visto um monstro deixar um sem ideias em paz assim. Se houvesse chance, os monstros quase

sempre atacavam.

Se aquele caranguejão-ermetão de duas cabeças tinha alguma coisa mais importante a fazer do

que matá-la, Annabeth queria saber o que era. Não podia deixar o monstro seguir com seus

planos nefastos e usar o transporte público sem pagar.

Ela olhou com tristeza para o trem F que a levaria para a casa de Percy, e saiu correndo

escada acima, atrás do monstro.

* * *

Annabeth pulou no vagão quando as portas estavam se fechando. O trem se afastou da

plataforma e mergulhou na escuridão. As luzes piscavam. Os passageiros se balançavam. Todos

os assentos estavam tomados. Havia uns doze passageiros de pé, oscilando e segurando em barras

e apoios de madeira.

Annabeth só conseguiu ver o Caranguejo quando alguém mais adiante dela gritou:

— Cuidado, seu esquisito!

O lobo-leão-caranguejo estava abrindo caminho, rosnando para os mortais, mas os

passageiros só agiam com a irritação com um vista no metrô de Nova York. Talvez eles vissem o

monstro com o um bêbado qualquer.

Annabeth foi atrás.

Quando Caranguejo abriu as portas para o vagão seguinte e ela atravessou, Annabeth reparou

que a concha cintilava levemente.

Estava assim antes? Símbolos vermelhos em neon giravam ao redor do monstro: letras gregas,

signos astrológicos e pictogramas. *Hieróglifos egípcios.*

Um arrepio se espalhou entre as clavículas de Annabeth. Ela se lembrou de uma coisa que

Percy lhe havia contado algum as sem anas antes, sobre um encontro que tivera e que parecia tão

im possível que ela supôs que ele estivesse brincando.

Mas agora...

Ela abriu cam inho entre a m ultidão para seguir o Caranguej o até o vagão seguinte.

Não havia dúvidas de que a concha da criatura estava brilhando m ais intensam ente naquele

m om ento. Quando Annabeth se aproxim ou, com eçou a se sentir enj oada. Teve um a sensação

quente dentro de si, com o se houvesse um anzol preso no um bigo, puxando-a para a direção do

m onstro.

Annabeth tentou se acalm ar. Tinha dedicado a vida a estudar os espíritos da Grécia Antiga, os

anim ais e os *daimons*. O conhecim ento era sua m aior arm a. Mas essa coisa m eio caranguej o de

duas cabeças... Annabeth não tinha padrão de referência. Sua bússola interna estava girando sem

chegar a lugar algum .

Ela desej ou estar com m ais gente. Estava com o celular, m as, m esm o se conseguisse sinal lá

em baixo, para quem ligaria? A m aioria dos sem ideuses não andava com celular. O sinal atraía

m onstros. Percy estava do outro lado da cidade. Quase todos os seus am igos estavam no

Acam pam ento Meio-Sangue, na parte norte de Long Island.

O Caranguej o seguiu abrindo cam inho para a parte da frente do trem .

Quando Annabeth o alcançou no vagão seguinte, a aura do monstro estava tão forte que até os

mortais com eles começaram a reparar. Muitos estavam com ânsia de vomitar e encolhidos nas cadeiras,

como se alguém tivesse aberto um armário cheio de refeições estragadas. Outros caíram

desmaiados no chão.

Annabeth estava tão nauseada que sentiu vontade de recuar, mas a sensação de ser puxada por

um anzol continuava em seu ombro, levando-a na direção do monstro.

O trem entrou aos solavancos na estação da rua Fulton. Assim que as portas se abriram, todos

os passageiros ainda conscientes saíram cambaleando. A cabeça de lobo do Caranguejão se

esticou para um a senhora e, com os dentes, agarrou sua bolsa quando ela tentou fugir.

— Ei! — gritou Annabeth.

O monstro soltou a mulher.

Os dois pares de olhos grudaram em Annabeth, como se pensando: *Quer morrer?*

Em seguida, ele jogou as cabeças para trás e rugiu em harmonia. O som atingiu Annabeth

como um furador de gelo entre os olhos. As janelas do vagão racharam. Mortais que haviam

desmaiado voltaram à consciência num susto. Alguns conseguiram sair rastejando pelas portas.

Outros pularam pelas janelas quebradas.

Com a visão embaçada, Annabeth viu o monstro agachado, apoiado nas patas

da frente,

diferentes entre si, pronto para pular.

O trem parou e ficou mais devagar. Ela percebeu vagarosamente as portas com vidros quebrados se

fechando, o trem então vazio saindo da estação. Seria possível que o condutor não tivesse

percebido o que estava acontecendo? Seria possível que o trem estivesse seguindo no piloto

automático?

Agora a apenas três metros dele, Annabeth reparou em outros detalhes do monstro. A aura

vermelha parecia brilhar mais na marca da concha. Letras gregas e hieróglifos egípcios

centilantes jogavam com o gás vulcânico de uma fissura no fundo do mar. A pata dianteira

esquerda do leão estava raspada no pulso e tinha tatuada uma série de listras pretas pequenas.

Dentro da orelha esquerda do lobo havia uma etiqueta de preço que marcava U\$99,99.

Annabeth segurou a alça da mochila. Estava prestes a jogá-la no monstro, mas não seria uma

boa arma. Por isso, ela usou sua tática de sempre ao encarar um inimigo mais forte: com a

falar.

— Você é feito de duas partes diferentes — disse ela. — Parecem ... pedaços de uma estátua

que ganhou vida. Vocês foram fundidos um com o outro?

Era pura conjectura, mas o rugido do leão fez Annabeth achar que tinha

acertado na m osca. O

lobo m ordiscou a bochecha do leão com o se m andando-o calar a boca.

— Vocês não estão acostum ados a trabalhar j untos — sugeriu Annabeth. — Sr. Leão, o senhor

tem um núm ero de identificação na pata. Era um artefato de m useu. Talvez do Met?

O leão rugiu tão alto que os j olhos de Annabeth trem eram .

— Acho que isso é um sim . E senhor, sr. Lobo... essa etiqueta na orelha... o senhor estava à

venda em algum a loj a de antiguidades?

O lobo rosnou e deu um passo na direção dela.

Enquanto isso, o trem continuou seguindo para o rio East. O vento frio entrava pelas j anelas

quebradas e fez Annabeth bater os dentes.

Todos os instintos a m andavam correr, m as suas j untas pareciam estar se dissolvendo. A aura

do m onstro foi ficando m ais intensa e enchendo o ar com sim bolos enevoados e luz sangrenta.

— Você... você está ficando m ais forte — reparou Annabeth. — Está indo a algum lugar, não

é? E quanto m ais perto chega...

As cabeças do m onstro rosnaram de novo em harm onia. Um a onda de energia verm elha se

espalhou pelo vagão. Annabeth precisou lutar para ficar consciente.

Caranguej o chegou m ais perto. A concha se expandiu, com a fissura no centro ardendo com o

ferro derretido.

— Calm a — gem eu Annabeth. — Eu... entendi agora. Você ainda não terminou. Está

procurando por um a outra parte. Um a terceira cabeça?

O monstro parou. Os olhos brilharam com atenção, com o se dizendo: *Você andou lendo meu*

diário?

A coragem de Annabeth aumentou. Ela estava finalmente entendendo o inimigo. Já tinha

enfrentado muitas criaturas de três cabeças antes. Quando se tratava de seres míticos, *três* era

uma espécie de número mágico. Fazia sentido esse monstro ter outra cabeça.

Caranguejo era algum tipo de estátua dividida em pedaços. Só que alguma coisa tinha

despertado. Ele estava tentando se regenerar.

Annabeth concluiu que não podia deixar aquilo acontecer. Os hieróglifos e letras gregas

vermelhas e brilhantes flutuavam ao redor dele com o um pavio em chamas, irradiando uma

magia que parecia fundamentalmente *errada*, com o se dissolvesse devagar a estrutura celular de

Annabeth.

— Você não é exatamente um monstro grego, é? — arriscou ela. — É do Egito?

Caranguejo não gostou desse comentário. Ele mostrou os dentes e se preparou para atacar.

— Opa, rapaz — disse ela. — Você ainda não está com força total, está? Se me atacar agora,

vai perder. Afinal, vocês dois não confiam um no outro.

O leão inclinou a cabeça e rugiu.

Annabeth fingiu um a expressão de choque.

— Sr. Leão! Com o pode dizer isso sobre o sr. Lobo?

O leão piscou, sem entender.

O lobo olhou para o leão e rosnou com desconfiança.

— Sr. Lobo! — Annabeth ofegou. — O senhor não devia usar esse tipo de linguajar para falar

de seu amigo!

As duas cabeças se viraram uma para a outra, m ordendo e uivando. O monstro oscilou quando

as patas dianteiras seguiram em direções opostas.

Annabeth sabia que só conseguira ganhar alguns segundos. Ela vasculhou a mente, tentando

descobrir o que aquela criatura era e com o poderia derrotá-la, mas aquilo era diferente de tudo o

que ela conseguia se lembrar das aulas no Acampamento Meio-Sangue.

Ela considerou ir para trás do monstro, para talvez tentar quebrar a concha, mas, antes de

poder fazer isso, o trem diminuiu a velocidade. Eles pararam na estação da rua High, a primeira

parada do Brooklyn.

A plataforma estava estranhamente vazia, mas um brilho de luz ao lado da escada de saída

chamou a atenção de Annabeth. Um jovem loiro de roupas brancas brandia um cajado de

madeira para tentar bater em um animal estranho que corria ao redor das pernas dela, latindo

com raiva. Dos ombros para cima, a criatura parecia um labrador preto, mas o fim das costas

era só um a ponta estreita, com o a cauda calcificada de um girino.

Annabeth teve tempo de pensar: *A terceira parte.*

E então a garota loura bateu no focinho do cachorro. O cachorro ficou em silêncio e o

cachorro se lançou para trás, direto por um a janela quebrada na extremidade do vagão de

Annabeth.

A garota loura foi atrás. Pulou, passando pelas portas que se fechavam na hora em que o trem

ia sair da estação.

Por um momento, todos ficaram ali, duas garotas e dois monstros.

Annabeth examinou a garota na outra ponta do vagão e tentou avaliar o nível de amarelo.

A recém-chegada usava um a calça de linho branco e blusa com botões, com o um uniforme

de caratê. Os coturnos com bicos de aço pareciam capazes de provocar grande dano em um a

luta. Carregava um a mochila azul de náilon pendurada no ombro esquerdo com um a vara curva

de madeira — um bumerangue? — pendurada na alça. Mas a arma mais intimidante da garota

era o cachorro de madeira branca, com mais ou menos um metro e meio e com a cabeça de um a

águia entalhada. Ele cintilava, com o bronze celestial.

Annabeth olhou nos olhos da garota e foi tomada por um a sensação de déjà-vu.

A Garota Caratê não devia ter mais de treze anos. Os olhos eram azuis brilhantes, com o dos

filhos de Zeus. Os cabelos louros com pridos tinham m echas roxas. Ela se parecia m uito com

um a filha de Atena — pronta para o com bate, rápida, alerta e destem ida. Annabeth sentiu com o

se estivesse vendo a si m esm a de quatro anos antes, por volta da época em que conheceu Percy

Jackson.

Mas a Garota Caratê falou e afastou essa fantasia.

— Certo. — Ela soprou um a m echa roxa do rosto. — Com o se m eu dia j á não estivesse

esquisito o suficiente.

Britânica, pensou Annabeth. Mas não teve tem po para refletir sobre isso.

O cachorro-girino e o Caranguej o tinham ficado no centro do vagão, a uns cinco metros de

distância, olhando um para o outro com surpresa. Mas, no m om ento, eles j á haviam superado o

choque. O cachorro uivou, um grito triunfante de *Encontrei você!* E o leão-lobo-caranguej o

correu para se encontrar com o outro m onstro.



— Detenha-os! — gritou Annabeth.

Ela pulou nas costas de Caranguej o, e as patas da frente desabaram pelo peso adicional.

A outra garota gritou algum a coisa que pareceu “*Mar!*”

Um a série de hieróglifos dourados brilhou no ar:

A criatura canina cam baleou para trás, engasgando com o se tivesse engolido um a bola de

bilhar.

Annabeth lutou para segurar Caranguej o, m as a fera tinha o dobro de seu peso. O m onstro se

ergueu nas patas dianteiras para tentar j ogá-la longe. As duas cabeças se viraram para m order o

rosto dela.

Felizm ente, ela j á havia colocado rédeas em m uitos pégasos selvagens no Acam pam ento

Meio-Sangue. Annabeth conseguiu m anter o equilíbrio enquanto tirava a m ochila. Bateu com dez

quilos de livros de arquitetura na cabeça do leão e passou a alça pela boca do lobo, puxando-a

com força.

Enquanto isso, o trem em ergiu para a luz do sol. Eles sacudiram pelos trilhos elevados do

Queens, com ar fresco entrando pelas j anelas quebradas e caquinhos de vidro dançando nos

assentos.

Com o canto do olho, Annabeth viu o cachorro se recuperar do acesso de engasgo. Ele pulou

na Garota Caratê, que lançou o bum erangue de m arfim e acertou o m onstro

com outro raio

dourado.

Annabeth desejava ser capaz de gerar raios dourados. Tudo que tinha era um amuleto idiota.

Ela fez o melhor para domar o Caranguejo, mas o monstro parecia ficar mais forte a cada

segundo enquanto a aura vermelha da coisa enfraquecia Annabeth. Sua cabeça parecia cheia de

algodão. O estômago deu um nó.

Ela perdeu a noção do tempo enquanto lutava com a criatura. Só sabia que não podia deixar

aquilo se acoplar à coisa com cabeça de cachorro. Se o monstro virasse um sei lá o quê de três

cabeças, talvez fosse impossível detê-lo.

O cachorro atacou a Garota Caratê de novo. Dessa vez, derrubou-a. Annabeth, distraída, não

conseguiu se segurar no monstro caranguejo, e ele a jogou longe. Ela bateu com a cabeça na

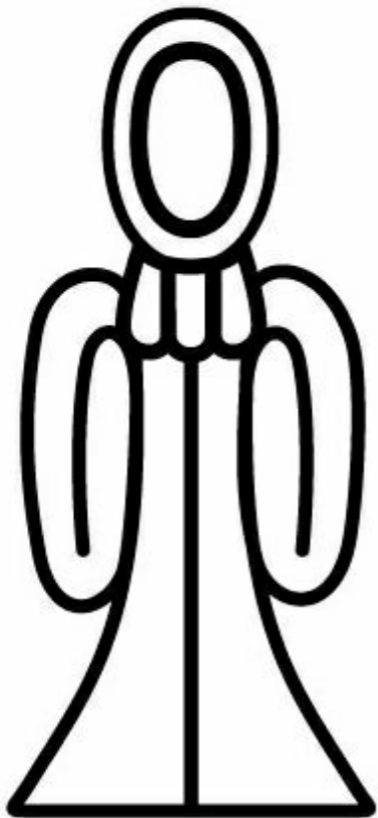
beirada de uma cadeira.

Suas orelhas estalaram quando a criatura rugiu em triunfo. Uma onda de energia quente e

vermelha se espalhou pelo vagão. O trem tomou o lado, e Annabeth voou com o se não

existisse força da gravidade.

* * *



— Vam os levantar — disse um a voz de garota. — Tem os que sair daqui.

Annabeth abriu os olhos. O m undo girava. Sirenes de em ergência berravam ao longe.

Ela estava deitada de costas sobre um a gram a espinhosa, a garota loura do trem inclinada

sobre ela, puxando seu braço.

Annabeth conseguiu se sentar. Sentia com o se alguém tivesse m artelado pregos quentes em

sua caixa torácica. Quando sua visão clareou, ela se deu conta de que tinha sorte de estar viva. A

aproxim adam ente cinquenta m etros de distância, o trem do m etrô tinha saído dos trilhos. Os

vagões estavam caídos de lado em um zigue-zague de ruína quebrada e fum egante que fez

Annabeth se lem brar da carcaça de um *drakon* (infelizm ente, ela tinha visto várias).

Ela não viu m ortais feridos. Com sorte, todos tinham saído do trem na estação da rua Fulton.

Mesm o assim ... que desastre.

Annabeth reconheceu onde estava: na praia Rockaway. Algum as dezenas de m etros à

esquerda, terrenos vazios e cercas de aram e am assadas levavam a um a praia de areia am arela

cheia de piche e lixo. O m ar se agitava sob um céu nublado. À direita de Annabeth, depois dos

trilhos do trem , havia um a sequência de prédios residenciais tão m alcuidados que podiam ser

prédios inventados feitos de em balagens velhas de geladeira.

— Alôô!! — A Garota Caratê sacudiu o ombro dela. — Sei que você deve estar em estado de

choque, mas tem os que ir. Não quero ser interrogada pela polícia carregando *essa* coisa.

A garota se afastou para a esquerda. Atrás dela, no asfalto rachado, o monstro labrador preto

pulava com o um peixe fora d'água, com o focinho e as patas presos com um arco de corda dourada

cintilante.

Annabeth olhou para a garota mais nova. Ao redor do pescoço dela brilhava um arco de corrente

com um amuleto prateado, um símbolo que era um amuleto de *ankh* egípcio com um biscoitinho

com forma de menino.

Ao lado dela estavam o cajado e o bumerangue de madeira, ambos entalhados com hieróglifos

e inimigos de monstros estranhos e *nada* gregos.

— Quem é você? — perguntou Annabeth.

Um sorriso surgiu no canto da boca da garota.

— Normamente, não digo meu nome para estranhos. Vulnerabilidade mágica, essas coisas.

Mas tenho que respeitar uma pessoa que luta contra um monstro de duas cabeças com apenas

um amuleto. — Ela estendeu a mão. — Sadie Kane.

— Annabeth Chase.

Elas se cumprimentaram.

— É um prazer conhecer você, Annabeth — disse Sadie. — Agora vamos os levar conosco

cachorro para passear, certo?

* * *

Elas saíram bem na hora.

Em poucos minutos, veículos de socorro cercaram os restos do trem e um grupo de

espectadores vindos dos prédios próximos os se reuniu.

Annabeth estava mais enjoadada do que nunca. Pontos vermelhos dançavam diante de seus

olhos, mais ainda assim ela ajudou Sadie a arrastar a criatura canina de costas pelo rabo para as

dunas de areia. Sadie pareceu ter prazer em puxar o monstro por cima de todas as pedras e

garrafas quebradas que encontrava.

A fera rosnavava e se contorcendo. A aura vermelha brilhava mais intensamente, enquanto a corda

dourada parecia se apagar.

Normalmente, Annabeth gostava de andar na praia. O oceano lembrava Percy. Mas naquele

dia estava com fome e exausta. A monstrosidade ia ficando mais pesada a cada momento, e a magia

da criatura canina provocava-lhe ânsia de vômito.

Além disso, a praia Rockaway era um lugar depressivo. Um furacão gigantesco tinha passado

além de um ano antes, e os danos ainda eram visíveis. Alguns dos prédios residenciais ao longe

foram reduzidos a blocos, com as janelas tapadas por madeira e paredes de concreto pichadas.

Madeira podre, pedaços de asfalto e metal retorcido sujavam a praia. As colunas de um pier

destruído se projetavam da água. O próprio mar atormentava a costa com ressentimento, com o

se dizendo: *Não me ignore. Posso sempre voltar e terminar o serviço.*

Finalmente, eles chegaram a uma van de venda de sorvete abandonada e meio afundada nas

dunas. Pintadas na lateral, imagens apagadas de outrora guloseimas saborosas fizeram o

estômago de Annabeth roncar em protesto.

— Tenho que parar — murmurou ela.

Ela largou o monstro canino e cambaleou até a van, depois deslizou com as costas na porta do

passageiro.

Sadie se sentou de pernas cruzadas de frente para ela. Remexeu em sua mochila e pegou um

frasco de cerâmica fechado por uma rolha.

— Aqui. — Ela entregou para Annabeth. — É delicioso. Beba.

Annabeth observou o frasco com cautela. Estava pesado e quente, com o se cheio de café.

— Hum ... isso não vai soltar nenhum raio dourado, e *cabrum!*, na minha cara?

Sadie riu com deboche.

— É só um poção curativa, boba. Uma amiga minha, Jaz, prepara a melhor do mundo.

Annabeth ainda estava hesitante. Já tinha experimentado poções antes, preparadas pelos filhos

de Hécate. Normalmente, tinham gosto de sopa de água suja, mas as pelo menos eram feitas para

funcionar em sem ideuses. O que havia naquele frasco definitivamente não era.

— Não sei se devo experimentar — disse ela. — Eu... não sou com o você.

— *Ninguém* é com o eu — concordou Sadie. — Sou maravilhosa de uma forma única. Mas, se

você quer dizer que não é mágica, bem, dá para *ver* isso. Normalmente, nós lutamos com

cajados e varinhas. — Ela bateu na vara branca entalhada e no bumbum erangue de marmarinho a seu

lado. — Mesmo assim, acho que minhas poções devem funcionar em você. Você lutou com um

monstro. Sobreviveu àquele acidente de trem. *Não pode* ser normalmente.

Annabeth riu fracamente. Achou a prepotência da garota de certo mesmo um odor revigorante.

— Não, definitivamente não sou normalmente. Sou uma sem ideusa.

— Ah. — Sadie bateu com os dedos na varinha curva. — Desculpe, isso é novidade para mim.

Um a *sem deusa*?

— Sem ideusa — corrigiu Annabeth. — Meio deusa, mesmo um mortal.

— Ah, certo. — Sadie respirou aliviada. — Já hospedei Ísis em minha cabeça várias vezes.

Quem é *seu* amigo especial?

— Meu... não. Eu não *hospedo* ninguém. Minha mãe é uma deusa grega, Atena.

— Sua mãe.

— É.

— Um a deusa. Um a deusa *grega*.

— É. — Annabeth reparou que a nova amiga estava pálida. — Acho que não deve ter esse tipo

de coisa, há, no lugar de onde você é.

— No Brooklyn? — refletiu Sadie. — Não. Acho que não. Nem em Londres. Nem em Los

Angeles. Não me lembro de ter conhecido *semideuses* gregos em nenhum desses lugares.

Mesmo assim, quando alguém já enfrentou babuínos mágicos, deusas-gatas e anões de sunga,

não se surpreende com facilidade.

Annabeth não tinha certeza se tinha ouvido direito.

— Anões de sunga?

— Aham. — Sadie olhou para o monstro canino, ainda se contorcendo com as amarras

douradas. — Mas o problema é o seguinte. Alguns meses atrás, minha mãe me avisou. Ela me

disse para tomar cuidado com outros deuses e outros tipos de magia.

O fracasso nas mãos de Annabeth pareceu ficar mais quente.

— Outros deuses. Você mencionou Ísis. Ela é a deusa egípcia da magia. Mas... não é a sua

mãe?

— Não — disse Sadie. — Quer dizer, sim. Ísis é a deusa egípcia da magia. Mas não é minha

mãe. Minha mãe é um fantasma. Bem... ela era maga na Casa da Vida, com o eu, mas assim morreu,

então...

— Só um segundo.

A cabeça de Annabeth estava latejando tanto que ela achou que nada poderia deixá-la pior.

Ela abriu o frasco e bebeu a poção toda.

Estava esperando sopa de água suja, mas o gosto na verdade era de suco morno de maçã. Sua

visão clareou imediatamente. O estômago acalmou.

— Uau — disse ela.

— Eu falei. — Sadie deu um sorrisinho arrogante. — Jaz é um tremenda farmacêutica.

— Você estava dizendo... Casa da Vida. Magia egípcia. Você é com o garoto que meu

namorado conheceu.

O sorriso de Sadie desmoronou.

— Seu namorado... conheceu um a pessoa com o eu? Outro algo?

A poucos metros de distância, a criatura canina rosnou e se debateu. Sadie não pareceu

preocupada, mas Annabeth estava de olho em como estava ficando fraco o brilho da corda

mágica.

— Foi algum assemelhado atrás — contou Annabeth. — Percy meu contou um a história meu avô

sobre ter conhecido um garoto perto da baía Moriches. Aparentemente, o garoto usava

hieróglifos para fazer feitiços. Ele ajudou Percy a lutar contra um grande monstro crocodilo.

— O filho de Sobek! — soltou Sadie. — Mas meu irmão lutou contra esse monstro. Ele não

disse nada sobre...

— Seu irmão se chama Carter? — perguntou Annabeth.

Um a aura dourada furiosa brilhou ao redor da cabeça de Sadie, um halo de hieróglifos que

pareciam carrancas, punhos e bonecos de palito mortos.

— A partir desse momento — rosnou Sadie —, o nome do meu irmão é Saco de Pancadas.

Parece que ele não anda mais contando tudo.

— Ah. — Annabeth teve que lutar contra a vontade de chegar para o lado e afastar-se da nova

amiga. Tinha medo de que aqueles hieróglifos furiosos e cintilantes explodissem. — Que chato.

Foi mais.

— Não — disse Sadie. — Eu vou gostar de dar na cara do meu irmão. Mas, primo, me

conte tudo: sobre você, os semideuses, os gregos e qualquer outra coisa que possa ter a ver com

esse nosso amigo canino do mais.

Annabeth contou o que podia.

Normalmente, não saía confiando em quem aparecia, mas ela tinha muita experiência

interpretando pessoas. Ela gostou de Sadie imediatamente: os coturnos, as mechas roxas, a forma

de agir... Pela experiência de Annabeth, pessoas não confiáveis não eram tão abertas sobre

querer dar na cara de alguém. Com certeza não ajudavam uma estranha inconsciente e não

davam poção curativa.

Annabeth descreveu o Acam pam ento Meio-Sangue. Contou algum as das aventuras em que

lutou contra deuses, gigantes e Titãs. Explicou com o viu o caranguej o-leão-lobo de duas cabeças

na estação da rua Quatro Oeste e decidiu ir atrás dele.

— E aqui estou — encerrou Annabeth.

A boca de Sadie trem eu. Parecia que ela ia com eçar a gritar ou chorar. Em vez disso, teve um

acesso de risadinhas.

Annabeth franziu a testa.

— Eu falei algum a coisa engraçada?

— Não, não... — Sadie riu. — Bem ... é um *pouco* engraçado. Quero dizer, estão os sentadas

em um a praia falando sobre deuses gregos. E um acam pam ento para sem ideuses e...

— É tudo verdade!

— Ah, eu acredito em você. É ridículo dem ais para *não* ser verdade. É só que cada vez que

m eu m undo fica m ais estranho, eu penso: *Certo. Chegamos ao máximo da esquisitice agora. Pelo*

menos sei até onde as coisas estranhas podem ir. Prim eiro, descobro que eu e m eu irm ão som os

descendentes dos faraós e tem os poderes m ágicos. Tudo bem . Sem problem a. Depois, descobro

que m eu pai, que j á estava m orto, fundiu a alm a com Osíris e se tornou senhor dos m ortos.

Brilhante! Por que não? E, então, m eu tio assum e a Casa da Vida e supervisiona centenas de

m agos por todo o m undo. Em seguida, m eu nam orado acaba se revelando um híbrido de garoto

m ago/deus im ortal dos funerais. E o tem po todo, estou pensando: *Claro! Fique calma e siga em*

frente! Eu me ajustei! Aí você aparece em um a quinta-feira qualquer, la-ri-rá, e diz: *Ah, a*

propósito, os deuses egípcios são só uma pequena parte do absurdo cósmico. Também temos os

gregos com quem nos preocupar. Viva!

Annabeth não conseguiu acom panhar tudo o que Sadie disse (um nam orado deus funerário?),

m as tinha que adm itir que rir de tudo aquilo era m ais saudável do que se encolher e chorar.

— Tudo bem — adm itiu ela. — Tudo parece m eio louco, m as acho que faz sentido. Meu

professor Quíron... há anos ele vem dizendo para m im que os deuses antigos são im ortais por

serem parte do tecido da civilização. Se os deuses gregos podem existir por todos esses m ilênios,

por que não poderiam os egípcios?

— Quanto m ais, m elhor — concordou Sadie. — Mas, hum , e esse cachorrinho?
— Ela pegou

um a conchinha e jogou na cabeça do m onstro labrador, que rosou de irritação. — Em um

m inuto, ele está sentado na m esa de nossa biblioteca, um artefato inofensivo, um fragm ento de

pedra de algum a estátua, é o que acham os. No m inuto seguinte, ganha vida e sai correndo da

Brookly n House. Destrói nossas barreiras m ágicas, passa pelos pinguins de Felix e se livra dos

m eus feitiços com o se não fossem nada.

— Pinguins? — Annabeth balançou a cabeça. — Não. Esqueça que perguntei.

Ela observou a criatura canina que lutava contra as amarras. Letras gregas e hieróglifos

verm elhos giravam ao redor dele com o se tentando formar novos símbolos, um a um ensagem que

Annabeth quase conseguia ler.

— Essas cordas vão aguentar? — perguntou ela. — Parecem frágeis.

— Não esquentam — garantiu Sadie. — Essas cordas já prenderam deuses. E não eram deuses

pequenos. Eram dos bem grandes.

— Hã, tá. Então você disse que o cachorro era parte de uma estátua. Alguma ideia de qual

estátua?

— Nenhum. — Sadie deu de ombros. — Cleo, nossa bibliotecária, estava pesquisando isso

quando o Fido aqui acordou.

— Mas tem que ter alguma ligação com o outro monstro, com cabeças de lobo e de leão. Tive

uma impressão de que elas também haviam acabado de ganhar vida. Elas se fundiram e não

estavam acostumadas a trabalhar em equipe. Entraram no trem em busca de alguma coisa,

provavelmente esse cachorro.

Sadie mexeu no pingente prateado.

— Um monstro com três cabeças: de leão, de lobo e de cachorro. Todas saindo de... o que era

aquela coisa com form a de cone? Um a concha? Um a tocha?

A cabeça de Annabeth com eçou a girar de novo. *Uma tocha.*

Ela teve um vislum bre de um a lem branca distante, talvez um a im agem que vira em um livro.

Não tinha pensado que o cone do m onstro podia ser algo que dava para segurar, algum a coisa

que coubesse em um a m ão enorm e. Mas não exatam ente um a tocha...

— É um cetro — percebeu Annabeth. — Não lem bro qual deus o segurava, m as o caj ado de

três cabeças era seu sím bolo. Ele era... grego, eu acho, m as tam bém era de algum lugar no

Egito...

— Alexandria — sugeriu Sadie.

Annabeth ficou olhando para ela.

— Com o você sabe?

— Bem , é verdade que não sou m aluca por história com o m eu irm ão, m as *estive* em

Alexandria. Eu m e lem bro de ter sido a capital onde os gregos governaram o Egito. Alexandre, o

Grande, não era?

Annabeth assentiu.

— Isso m esm o. Alexandre conquistou o Egito e, depois que m orreu, seu general, Ptolom eu,

assum iu. Ele queria que os egípcios o aceitassem com o faraó, então m isturou os deuses egípcios

e gregos e inventou deuses novos.

— Parece confuso — disse Sadie. — Prefiro m eus deuses não m isturados.

— Mas tinha um deus em particular... Não consigo lembrar seu nome. A criatura de três

cabeças ficava no topo do cetro dele...

— Bem grande esse cetro — observou Sadie. — Não quero conhecer o sujeito que o carrega

por aí.

— Ah, deuses. — Annabeth se emperatrizou. — É isso! O cetro não está apenas tentando se

remontar. Está tentando encontrar seu dono.

Sadie fez expressão de escárnio.

— Não gosto nada disso. Precisam os garantir...

O som do canino uivou. A corda mágica explodiu com o som de uma granada e cobriu a praia de

estilhaços dourados.

* * *

A explosão fez Sadie sair rolando pelas dunas com o som de uma bola de feno.

Annabeth foi jogada contra a van de sorvete. Seus membros viraram chumbo. Todo o ar foi

arrancado dos pulmões.

Se a criatura canina quisesse matá-la, teria conseguido isso facilmente.

Mas ele correu para longe do mar e desapareceu em meio às plantas.

Annabeth, por instinto, procurou uma arma. Pegou com força a varinha curva de Sadie. A dor

lhe fez ofegar. O som do fogo queimava com o gelo seco. Ela tentou soltar, mas as mãos não obedeceram.

Ela então viu a varinha soltar fumaça e mudar de forma, até a queimadura diminuir e uma

adaga de bronze celestial aparecer, igual à que carregava havia anos.

Ela ficou olhando para a lâmina. Depois ouviu gemidos vindos das dunas ali perto.

— Sadie!

Annabeth lutou para ficar de pé.

Quando chegou à margem, Sadie estava sentada cuspidando areia. Tinha algas no cabelo, e a

machete estava enrolada em um dos coturnos, mas ela parecia mais furiosa do que ferida.

— Fido idiota! — rosnou ela. — Nada de biscoitos para ele! — Ela franziu a testa para a faca

de Annabeth. — Onde você conseguiu isso?

— Hã... é sua varinha — disse Annabeth. — Eu a peguei e... sei lá. Ela mudou de forma para

a adaga que costumava usar.

— Ah. Bem, itens mágicos têm vontade própria. Fique com ela. Tenho mais em casa. Agora,

para que lado Fido foi?

— Para lá.

Annabeth apontou com a lâmina nova.

Sadie olhou na direção e arregalou os olhos.

— Ah... certo. Na direção da tempestade. Isso é novidade.

Annabeth seguiu o olhar dela. Depois dos trilhos do metrô, não via nada além de um prédio

residencial abandonado, cercado e esquecido, sob um céu do fim de tarde.

— Que tempestade?

— Você não está vendo? — perguntou Sadie. — Espere.

Ela soltou a mão e se afastou do coturno e se virou para o chão. Tirou outro frasco de cerâmica,

esse mais largo e achatado, com o um pote de creme e para o rosto. Destampou e pegou um pouco

de gosmeado rosa.

— Me deixe passar um pouco disso nas suas pálpebras.

— Uau, isso me parece levar um não automático.

— Não seja fresca. É totalmente inofensivo... bem, para mim agora. Provavelmente para

sem ideias também.

Annabeth não ficou tranquilizada, mas se fechou os olhos. Sadie espalhou a gosmeado, que formou uma

e esquentou com o um a pomada de mentol.

— Pronto — disse Sadie. — Pode olhar agora.

Annabeth abriu os olhos e levou um susto.

O mundo estava banhado de cores. O chão tinha ficado transparente, com camadas

gelatinosas que levavam à escuridão abaixo. O ar estava coberto de véus cintilantes, todos

vibrantes, mas se moveram sem sincronia, com o seu múltiplos vídeos de alta definição tivessem

sido sobrepostos. Hieróglifos e letras gregas giravam ao redor dela, se fundindo e explodindo ao

colidir. Annabeth sentiu com o seu estivesse vendo o mundo em nível atômico. Tudo que era

invisível foi revelado, pintado com luz mágica.

— Você... vê assim o tem po todo?

Sadie riu com escárnio.

— Pelos deuses do Egito, não! Eu ficaria m aluca. Tenho que m e concentrar para ver o Duat.

É isso que você está fazendo, espiando o lado m ágico do m undo.

— Eu... — Annabeth hesitou.

Annabeth costum ava ser um a pessoa confiante. Sem pre que lidava com m ortais com uns, tinha

a arrogante certeza de que detinha conhecim entos secretos. Ela entendia o m undo de deuses e

m onstros. Os m ortais não faziam ideia. Mesm o com os outros sem ideuses, Annabeth era quase

sem pre a veterana m ais experiente. Ela havia feito m ais do que a m aioria dos heróis sonhava, e

havia sobrevivido a tudo.

Agora, olhando para aquelas cortinas de cores em m ovim ento, Annabeth sentiu com o se

voltasse aos seis anos, aprendendo com o o m undo era terrível e perigoso.

Ela se sentou com força na areia.

— Não sei o que pensar.

— Não pense — aconselhou Sadie. — Respire. Seus olhos vão se habituar. É m eio com o

nadar. Se você deixar o corpo assum ir, vai saber o que fazer instintivam ente. Se entrar em

pânico, vai se afogar.

Annabeth tentou relaxar.

Assim , com eçou a discernir padrões no ar: correntes fluindo entre cam adas da

realidade,

trilhas de vapor de magia em anando de carros e prédios. O local do acidente de trem brilhava

em um tom verde. Sadie tinha um a aura dourada com plumas enevoadas se espalhando atrás de

si com o asas.

No local onde o monstro canino estava deitado antes de fugir, o chão fumegava com o carvões

quentes. Filetes carmesim fluíam dali, seguindo na direção em que o monstro fugiu.

Annabeth se concentrou no prédio abandonado ao longe, e seus batimentos cardíacos

dobraram. A torre emitiu de seu interior um tom vermelho, a luz escapava pelas janelas cobertas

de tábuas, irradiando pelas rachaduras nas paredes arruinadas. Nuvens pretas giravam acima, e

mais filetes de energia vermelha fluíam na direção do prédio vindos de toda a paisagem, com o

se atraídos para um vórtice.

A cena fez Annabeth se lembrar de Caríbdis, o monstro que suga água e gera redemoinhos

que ela encontrou no Mar de Monstros. Não era um a lembrar branca feliz.

— Aquele prédio — disse ela. — Está atraindo luz vermelha de todos os lados.

— Exatamente — confirmou Sadie. — Na magia egípcia, vermelho é ruim. Representa o mal

e o caos.

— Então é para lá que o monstro canino está indo — supôs Annabeth. — Para se fundir com a

outra peça do cetro...

— E para encontrar seu dono, eu arriscaria.

Annabeth sabia que devia se levantar. Elas tinham que correr. Mas, ao olhar para as camadas

rodopiantes de magia, teve medo de se mexer.

A vida toda ela ouviu sobre a Névoa, o limite mágico que separava o mundo mortal do mundo

dos monstros e deuses gregos. Mas nunca tinha pensado na Névoa com o um a cortina de verdade.

Com o Sadie tinha chamado... o Duat?

Annabeth se perguntou se a Névoa e o Duat tinham relação entre si, ou se eram talvez até a

mesma coisa. O número de véus que ela conseguia ver era opressor, com o um a tapeçaria que ia

se dobrando cem vezes.

Ela não acreditava que pudesse ficar de pé. *Se entrar em pânico, vai se afogar.*

Sadie ofereceu a mão. Seus olhos estavam cheios de solidariedade.

— Olhe, eu sei que é muito, mas nada mudou. Você ainda é a mesma forte sem ideia que usa

os olhos com o armá. E, agora, ainda tem um linda adaga.

Annabeth sentiu o sangue subir ao rosto. Normalmente, seria ela a fazer o discurso animador.

— Sim. Sim, claro. — Ela aceitou a mão de Sadie. — Vamos encontrar esse deus.

* * *

Um a cerca de arame contornava o prédio, mas elas se espremeram por um a abertura e

seguiram por um caminho tomado de madeira e pedaços de concreto.

O efeito da atmosfera encantada nos olhos de Annabeth dava a impressão de estar passando. O

mondo não parecia mais tão cheio de câmaras e caleidoscópico, mas não tinha problema. Ela

não precisava de visão especial para saber que a torre estava repleta de magia ruim.

De perto, o brilho vermelho das janelas estava ainda mais radiante. Os pedaços de

com pensamento estalavam. As paredes de tijolos emitiam ruídos. Hieróglifos de pássaros e bonecos

palito se formavam no ar e fluíam para dentro. Até a pichação parecia vibrar nas paredes,

como se os símbolos estivessem tentando ganhar vida.

A força da coisa que havia dentro do prédio também atraía Annabeth, da mesma forma que o

Caranguejo no trem.

Ela segurou a nova adaga de bronze e percebeu que era pequena e curta demais para oferecer

poder ofensivo. Mas era por isso que Annabeth gostava de adagas: elas a mantinham

concentrada. Uma filha de Atena nunca devia depender de uma faca se pudesse usar o cérebro.

A inteligência venceria guerras, não a força bruta.

Infelizmente, o cérebro de Annabeth não estava funcionando muito bem no momento.

— Eu queria saber o que vamos enfrentar — murmurou ela enquanto as duas se

aproximavam sorrateiramente do prédio. — Gosto de pesquisar primeiro, de me armar com

conhecimentos.

Sadie respondeu.

— Você fala com o meu irmão. Diga aí, com que frequência os monstros dão a você o luxo de

usar o Google antes de atacarem ?

— Nunca — admitiu Annabeth.

— Pois é. Carter... adoraria passar horas na biblioteca, lendo sobre todos os demônios hostis

que poderíamos enfrentar, marcando as partes importantes e fazendo fichamentos para eu

estudar. Pena que, quando os demônios atacam, eles não avisam, e raramente se dão o trabalho

de se identificar.

— E qual é o seu procedimento-padrão de operação?

— Partir para cima — disse Sadie. — Pensar rápido. Quando necessário, explodir o inimigo

em pedacinhos.

— Que ótimo. Você adoraria meus amigos.

— Vou interpretar com o meu elogio. Aquela porta, o que acha?

Alguns degraus levavam à entrada de porão. Havia uma única tábuinha pregada na porta

em uma tentativa pífia de impedir a entrada de invasores, mas a porta em si estava entreaberta.

Annabeth estava prestes a sugerir que avaliassem as redondezas. Não confiava em uma

entrada tão fácil, mas Sadie não esperou. A jovem chegou e desceu os degraus e entrou.

A única opção de Annabeth era ir atrás.

* * *

No fim das contas, se elas tivessem entrado por qualquer outra porta, teriam morrido.

O interior do prédio era um casco cavernoso, com trinta andares de altura e uma enxurrada de

tijolos, canos, tábuas e outros destroços, junto com símbolos gregos e hieróglifos cintilantes e

tufos de energia vermelha neon. A cena era apavorante e linda, como se um furacão tivesse sido

capturado, iluminado por dentro e colocado em exibição permanente.

Como elas haviam entrado pelo porão, Sadie e Annabeth estavam protegidas por uma escada

curta, uma espécie de trincheira no concreto. Se tivessem entrado para a tempestade pelo térreo,

teriam sido partidas em pedacinhos.

Enquanto Annabeth olhava, uma viga de aço retorcido voou em velocidade de carro de

corrida. Dezenas de tijolos passaram em disparada, com um cardume de peixes. Um hieróglifo

vermelho flamejante bateu em um pedaço voador de madeira com pensado, e a madeira pegou fogo

com o lenço de papel.

— Ali em cima — sussurrou Sadie.

Ela apontou para o alto do prédio, onde parte do trigésimo andar ainda estava intacta, uma

plataforma em ruínas se projetando no vazio. Era difícil ver pelos detritos voadores e pela névoa

vermelha, mas Annabeth conseguiu identificar uma forma humana robusta de pé no

precipício, com os braços abertos como se para receber a tempestade.

— O que ele está fazendo? — murmurou Sadie.

Annabeth se encolheu quando uma hélice de canos de cobre passou a centímetros de sua

cabeça. Ficou olhando para os destroços e começou a reparar em padrões, como aconteceu com

o Duat: tábuas girando e pregos voando juntos para formar uma plataforma, amontoados de

tijolos se unindo com as peças de Lego para formar um arco.

— Ele está construindo alguma coisa — observou ela.

— Construindo o quê, um desastre? — perguntou Sadie. — Esse lugar lembra os domínios de

Caos. E, acredite, *não* é bem meu local favorito para passar as férias.

Annabeth olhou ao redor, perguntando-se se Caos significava alguma coisa para egípcios e

gregos. Annabeth teve lá suas experiências ruins com o Caos, e, se Sadie também esteve lá...

bem, a máquina devia ser muito forte do que parecia.

— A tempestade não é completamente aleatória — disse Annabeth. — Está vindo ali? E ali?

Pedaços de materiais estão se juntando e formando algum tipo de estrutura dentro do prédio.

Sadie franziu a testa.

— Para mim, parecem tijolos em um liquidificador.

Annabeth não sabia bem com o explicar, mas tinha estudado arquitetura e engenharia o

bastante para reconhecer os detalhes. Os canos de cobre estavam se ligando com o artérias e

veias em um sistema circulatório. Seções de paredes velhas estavam se reunindo para formar

um novo quebra-cabeça. De vez em quando, mas tijolos ou vigas se soltavam das paredes

externas e se juntavam ao furacão.

— Ele está canibalizando o prédio — disse ela. — Não sei por quanto tempo as paredes

externas aguentarão.

Sadie soltou um palavrão baixinho.

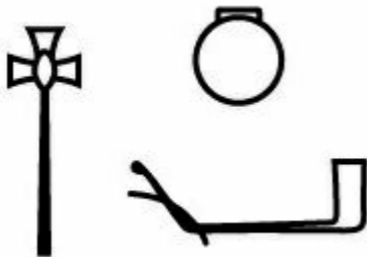
— Por favor, não vá dizer que ele está construindo um pirâmide. Qualquer coisa, mas não isso.

Annabeth se perguntou por que uma mãe egípcia odiaria pirâmides, mas balançou a cabeça

negativamente.

— Eu diria que é algum tipo de torre cônica. Só tem um jeito de ter certeza.

— Perguntar ao construtor.



Sadie olhou para os resquícios do trigésimo andar.

O homem na beirada não havia se mexido, mas Annabeth podia jurar que estava morto. Um a

luz vermelha girava ao redor dele. Pela silhueta, ele parecia usar uma cartola alta e angular no

estilo de Abraham Lincoln.

Sadie botou a mão na cabeça.

— Bom, se esse é nosso deus misterioso, onde está...

Bem naquele momento um uivo de três partes soou em meio ao tumulto. Do outro lado do

prédio, um par de portas de metal se abriu e o monstro caranguejo entrou.

Infelizmente, a fera tinha agora as três cabeças: de lobo, de leão e de cachorro. A espiral

com prida brilhava com inscrições gregas e hieróglifos. Ignorando completamente os detritos

voadores, o monstro entrou pisando com as seis patas dianteiras e deu um salto. A tempestade o

carregou para cima, girando em meio ao caos.

— Está indo para o dono — disse Annabeth. — Tem os que im pedir.

— Que legal — resm unçou Sadie. — Isso vai m e esgotar.

— O quê?

Sadie ergueu o caj ado.

— *N'dah.*

Um hieróglifo dourado surgiu no ar acim a delas:

E de repente elas estavam cercadas por um a esfera de luz.

A coluna de Annabeth form igou. Ela j á estivera dentro de um a bolha protetora assim antes,

quando ela, Percy e Grover usaram pérolas m ágicas para fugir do m undo inferior. A

experiência tinha sido... claustrofóbica.

— Isso vai nos proteger da tem pestade? — perguntou Annabeth.

— Espero que sim . — O rosto de Sadie estava coberto de suor. — Venha.

Ela foi na frente, subindo pela escada.

Im ediatam ente, o escudo foi posto à prova. Um a bancada de cozinha voadora as teria

decapitado, m as se esm igalhou em contato com o cam po de força de Sadie. Pedacos de

m árm ore giraram inofensivos ao redor delas.

— Dem ais — disse Sadie. — Agora segure o caj ado enquanto viro um pássaro.

— Espere. *O quê?*

Sadie revirou os olhos.

— Estam os pensando rápido, lem bra? Vou voar até lá em cim a e im pedir o m onstro do

caj ado. Você tenta distrair aquele deus... sej a lá quem ele for. Atraia a atenção dele.

— Tudo bem , m as não sou m aga. Não sei m anter o feitiço.

— O cam po de força vai perm anecer durante alguns m inutos, desde que você use o caj ado.

— Mas e você? Se não estiver dentro do cam po...

— Tenho um a ideia. Pode até funcionar.

Sadie tirou algo da m ochila: um a pequena estátua de anim al. Ela o envolveu com os dedos e

com eçou a m udar de form a.

Annabeth j á tinha visto gente virar bicho, m as nunca era fácil de assistir. Sadie encolheu para

um décim o do tam anho. O nariz se alongou em um bico. Os cabelos, as roupas e a m ochila

viraram um a cobertura lisa de penas. Ela se tornou um a pequena ave de rapina — um m ilhafre,

talvez —, e seus olhos azuis estavam dourados e brilhantes. Com a pequena estátua ainda nas

garras, Sadie abriu as asas e se lançou na tem pestade.

Annabeth fez um a careta quando um am ontoado de tij olos voou na direção da am iga; m as, de

algum a form a, os detritos passaram direto sem transform ar Sadie em purê de penas. A form a de

Sadie apenas oscilou, com o se ela estivesse viaj ando debaixo da água.

Annabeth percebeu que Sadie estava no Duat, voando em um nível diferente de realidade.

A ideia fez a m ente de Annabeth se encher de possibilidades. Se um sem ideus pudesse

aprender a atravessar paredes, correr direto através de monstros...

Mas aquela era um a conversa para outra hora. No momento, precisava se mover. Ela

disparou pelos degraus e entrou naquela confusão. Barras de metal e canos de cobre bateram

contra o campo de força. A esfera dourada piscava com um pouco menos de brilho cada vez que

rebatia os detritos.

Ela levantou o cajado de Sadie com uma das mãos e a nova adaga com a outra. Na torrente

mágica, a lâmina de bronze celestial tremeluziu com o um a tocha se apagando.

— Ei! — gritou ela para a plataforma bem acima. — Seu Deus aí!

Nenhum a resposta. A voz dela não devia conseguir sobressair à tempestade.

A estrutura do prédio comecou a gemer. A argamassa escorria das paredes e entrava na

mistura com o tufo de algodão-doce.

A Sadie pássaro ainda estava viva, voando na direção do monstro de três cabeças, que seguia

em espiral para cima. O animal já estava na metade do caminho, balançando com força as

pernas e brilhando com mais intensidade, como se absorvendo o poder do furacão.

O tempo de Annabeth estava acabando.

Ela procurou na memória, vasculhando memórias antigas, as histórias mais obscuras que Quíron

contara no passado. Quando era mais nova, ela era como uma esponja que absorvia todos

os fatos e nomes.

O cajado de três cabeças. O deus de Alexandria, Egito.

O nome do deus lhe veio. Esperava estar certa pelo menos.

Uma das primeiras lições que ela aprendera com o semideusa foi: *Nomes têm poder*. Nunca se

diz o nome de um deus ou de um monstro se não está preparado para atrair a atenção dele.

Annabeth respirou fundo. Gritou com toda a sua força:

— SERÁPIS!

A tempestade diminuiu. Enormes pedaços de canos pairaram no ar. Nuvens de tijolos e

madeira ficaram imóveis, suspensas.

Parado no meio do furacão, o monstro de três cabeças tentou ficar de pé. Sadie voou acima,

abriu as garras e largou a estátua, que imediatamente cresceu e virou um camelo de tamanho

real.

O animal desganhado caiu nas costas do monstro. As duas criaturas tombaram pelo ar e

bateram no chão em um emaranhado de membros e cabeças. O monstro do cajado continuou a

lutar, mas o camelo ficou em cima com as pernas abertas, balindo e cuspidando basicamente

recusando-se a se mexer, com o um bebê de quinhentos quilos dando ataque de birra.

Do trigésimo andar, uma voz de homem trovejou:

— QUEM OUSA INTERROMPER MINHA ASCENSÃO TRIUNFAL?

— Eu! — gritou Annabeth. — Desça para mim e enfrentar!

Ela não gostava de levar o crédito pelos crimes dos alheios, mas queria que eles prestassem atenção

exclusiva do deus para que Sadie pudesse fazer... o que decidisse fazer. Agora vem comigo

certeza tinha bons truques guardados na manga.

O deus Serápis pulou para o vazio. Caiu trinta andares e parou de pé no meio do térreo, a uma

distância fácil para Annabeth lançar a adaga.

Não que ela estivesse tentada a atacar.

Serápis tinha quatro metros e meio. Vestia apenas um short curto com estampa floral

havaiana. O corpo era recortado em músculos. A pele bronzeada era coberta de tatuagens cintilantes

de hieróglifos, letras gregas e outras grafias que Annabeth não reconheceu.

Os cabelos com pridos, e de um ondulado desgrenhado, emolduravam o rosto com o dreadlocks

rastafáris. Uma barba grega encaracolada descia até as orelhas. Os olhos eram verde-claros,

tão parecidos com os de Percy que Annabeth ficou arrepiada.

Normalmente, ela não gostava de sujeitos barbudos, mas tinha que admitir que aquele deus

era atraente, com aquele estilo de surfista radical mais velho.

Mas o enfeite de cabeça estragava o visual. O que Annabeth pensou ser um acessório era na

verdade um cesto cilíndrico de vime com imãs de almofariz.

— Com licença — disse ela. — Isso aí na sua cabeça é um vaso de flores?

Serápis levantou as sobrancelhas castanhas e peludas. Bateu na cabeça com o se tivesse

esquecido a cesta. Algum as sem entes de trigo caíram .

— Isso é um *modius*, garotinha tola. É um dos meus bolos sagrados! O cesto de grãos

representa o mundo inferior, que eu controlo.

— Hã, controla?

— É claro! — Serápis fez expressão de irritação. — Ou *controlava*, e vou voltar a controlar

em breve. Mas quem é você para criticar meu modo de vestir? Um a sem ideusa grega, pelo

cheiro, carregando um armadura de bronze celestial e um cajado egípcio da Casa da Vida. O que

você é, heroína ou maga?

As mãos de Annabeth trem eram . Independentemente do chapéu de vaso de flor, Serápis

irradiava poder. Ao ficar tão perto dele, Annabeth se sentia líquida por dentro, com o seu

coração, o estômago e a coragem estivessem derretendo.

Controle-se, pensou ela. *Você já encontrou vários deuses.*

Mas Serápis era diferente. A presença dele emanava uma sensação fundamentalmente

errada, com o seu mundo inteiro fato de estar presente estivesse virando o mundo de Annabeth do avesso.

Atrás, a seis metros do deus, Sadie pássaro pousou e voltou à forma humana. Fez um gesto

para Annabeth: dedos nos lábios (*psiu*), depois fez círculos com a mão (*faça com que ele continue*)

falando). Ela com eçou a rem exer silenciosam ente na m ochila.

Annabeth não fazia ideia do que a am iga estava planej ando, m as se obrigou a olhar nos olhos

de Serápis.

— Quem disse que não sou as duas coisas, m aga e sem ideusa? Agora explique por que você

está aqui!

O rosto de Serápis se fechou. E então, para surpresa de Annabeth, ele j ogou a cabeça para trás

e riu, derram ando m ais grãos do *modius*.

— Entendi! Está tentando m e im pressionar, é? Você acha que m erece ser m inha sacerdotisa?

Annabeth engoliu em seco. Só havia um a resposta para um a pergunta daquelas.

— É claro que sim ! Já fui *magna mater* do culto de Atena! Mas você é m erecedor do m eu

serviço?

— RÁ! — Serápis sorriu. — Um a grande m ãe no culto de Atena, é? Vam os ver se você é

m esm o durona.

Ele fez um gesto. Um a banheira voou direto para o cam po de força de Annabeth. A porcelana

explodiu em estilhaços no encontro com a esfera dourada, m as o caj ado de Sadie ficou tão

quente que Annabeth precisou soltá-lo. A m adeira branca queim ou até virar cinzas.

Que ótimo, pensou ela. *Nem dois minutos, e eu já destruí o cajado de Sadie.*

Ela não tinha m ais seu escudo protetor. Estava encarando um deus de quatro m etros e m eio só

com as armas de sem pre: um a pequena adaga e m uita atitude.

À esquerda de Annabeth, o monstro de três cabeças ainda lutava para sair de debaixo do

cam elo, mas o animal era pesado, teimoso e incrivelmente descoordenado. Cada vez que o

monstro tentava emurrá-lo, o cam elo soltava um pum poderoso e abria ainda mais as pernas.

Enquanto isso, Sadie tirou um giz da mochila. Escreveu furiosamente no chão de concreto

atrás de Serápis, talvez um belo epitáfio para celebrar a morte iminente delas.

Annabeth se lembrou de uma citação que seu amigo Frank uma vez lhe disse, alguma coisa de

A arte da guerra, de Sun Tzu.

Quando enfraquecer, aja com força.

Annabeth se empetigou e riu na cara de Serápis.

— Pode jogar coisas em mim, senhor Serápis. Não preciso de cuidado para mim e defender.

Meus poderes são grandiosos demais! Ou pare de me fazer perder tempo e me diga com o posso

servir você, *supondo* que eu concorde em me tornar sua nova sacerdotisa.

O rosto do deus se tomou de raiva.

Annabeth teve certeza de que ele jogaria todo o furacão de detritos nela, e não haveria com o

im pedi-lo. Ela pensou em jogar a adaga no olho do deus, da mesma forma que sua amiga Rachel

uma vez distraiu o Titã Cronos, mas Annabeth não confiava na própria ira.

Finalmente, Serápis abriu um sorriso torto.

— Você tem coragem, garota. Isso eu preciso admitir. E não demore a vir me encontrar.

Talvez você *possa* servir. Você vai ser a primeira de muitos a me dar seu poder, sua vida, sua

alma!

— Acho que vai ser divertido.

Annabeth olhou rapidamente para Sadie, torcendo para ela terminar logo a arte com giz.

— Mas, primeiro — disse Serápis —, preciso do meu cajado!

Ele fez um gesto para o camelo. Um hieróglifo vermelho queimou o pelo da criatura, e, com

um pum final, o pobre animal se dissolveu em um monte de areia.

O monstro de três cabeças se apoiou nas patas dianteiras e sacudiu a areia do corpo.

— Espere! — gritou Annabeth.

As três cabeças do monstro rosnaram para ela.

Serápis fez expressão de desprezo.

— O que foi agora, garota?

— Bem, eu devia... sabe, entregar o cajado para você, com a sua sacerdotisa! Tem os que

fazer as coisas direito!

Annabeth partiu para cima do monstro. Era pesado demais para ela levantar, mas ela enfiou a

faca no cinto e usou as duas mãos para segurar a ponta da concha cônica da criatura, arrastando-

a para trás, para longe do deus.

Enquanto isso, Sadie desenhou um grande círculo do tamanho de um bumbô

no concreto.

Estava agora decorando com hieróglifos, usando giz de várias cores diferentes.

Ah, claro, pensou Annabeth com frustração. *Demore o tempo que precisar e capriche!*

Ela deu um jeito de sorrir para Serápis enquanto segurava o monstro do cajado, que ainda

tentava se arrastar para a frente.

— Agora, meu senhor — disse Annabeth —, me conte seu plano glorioso! Tem algum a coisa

a ver com almas e vidas, não?

O monstro do cajado uivou em protesto, provavelmente porque conseguia ver Sadie escondida

atrás do deus, fazendo a arte secreta no concreto. Serápis não pareceu perceber.

— Observe! — Ele abriu os braços musculosos. — O novo centro do meu poder!

Fagulhas vermelhas brilharam no furacão congelado. Um teia de luz ligou os pontos até

Annabeth conseguir ver o contorno cintilante da estrutura que Serápis estava construindo: um a

torre enorme de noventa metros de altura, feita em três camadas que iam se estreitando: um a

base quadrada, um meio octogonal e um topo circular. No zênite, ardia um chama tão intensa

quanto um forja de Ciclope.

— Um farol — concluiu Annabeth. — O Farol de Alexandria.

— Exato, minha jovem sacerdotisa.

Serápis andou para frente e para trás com o professor dando aula, em bora o short floral

fosse um a distração e tanto. O chapéu de cesta de vim e ficava se inclinando para um lado e para

outro, derramando grãos. Por algum a razão, continuou sem reparar em Sadie agachada atrás

dele, desenhando belas imagens com giz.

— Alexandria! — disse o deus. — Outrora a maior cidade do mundo, a grande fusão do poder

grego e egípcio! Eu era o deus supremo e agora me ergui de novo. Criei minha nova capital

aqui!

— Hã... na praia Rockaway ?

Serápis parou e coçou a barba.

— Você tem razão. Esse nome não serve. Vamos chamá-lo de... Rockandria? Serapaway ?

Bom, vamos decidir isso depois! Nosso primeiro passo é terminar meu novo farol. Vai ser um

guia para o mundo, que vai atrair divindades da Grécia Antiga e do Egito para mim, com o

aconteceu no passado. Vou me alimentar da essência delas e me tornar o deus mais poderoso de

todos!

Annabeth sentiu como se tivesse engolido um colher de sal.

— *Alimentar da essência delas*. Você quer dizer destruí-las?

Serápis fez um gesto de desconsideração.

— *Destruir* é uma palavra muito feia. Prefiro *incorporar*. Você deve conhecer minha história,

certo? Quando Alexandre, o Grande, conquistou o Egito...

— Ele tentou fundir as religiões grega e egípcia — disse Annabeth.

— Tentou e falhou — disse Serápis, rindo para si. — Alexandre escolheu um deus do sol

egípcio, Am on, com o divindade principal. Isso não deu muito certo. Os gregos não gostavam de

Am on. Nem os egípcios do Delta do Nilo. Eles viam Am on com o um deus de outra parte do rio.

Mas, quando Alexandre morreu, seu general tomou o controle do Egito.

— Ptolomeu I — disse Annabeth.

Serápis deu um sorriso satisfeito.

— Sim ... Ptolomeu. Aquele era um mortal com *visão!*

Annabeth precisou de toda a força de vontade para não olhar para Sadie, que agora tinha

completado o círculo mágico e batia nos hieróglifos com o dedo, murmurando alguma coisa

baixinho, com o se para ativá-los.

O monstro de três cabeças do cajado rosou em reprovação. Ele tentou pular, e Annabeth

quase não conseguiu segurá-lo. Estava ficando sem força. A aura da criatura continuava

nauseante.

— Ptolomeu criou um novo deus — disse ela com esforço. — Você.

Serápis deu de ombros.

— Ah, não foi de *nada*. Eu já fui um pequeno deus de vilarejo. Ninguém tinha ouvido falar de

eu ! Mas Ptolomeu encontrou minha estátua e levou para Alexandria. Ele mandou os

sacerdotes gregos e egípcios fazerem presságios, encantos e outras coisas m ais.
Todos

concordaram que eu era o grande deus Serápis e que deveria ser idolatrado acima de todos os

outros deuses. Virei um sucesso instantâneo!

Sadie ficou de pé dentro do círculo mágico. Soltou o colar de prata e com eçou a girar com o

um a corda de laçar.

O m onstro de três cabeças rugiu com o que para avisar o dono: *Cuidado!*

Mas Serápis estava animado. Enquanto ele falava, as tatuagens de hieróglifos e letras gregas

em sua pele brilhavam com m ais intensidade.

— Eu m e tornei o deus m ais im portante dos gregos e egípcios! — continuou ele. — À m edida

que m ais pessoas m e idolatravam , passei a sugar o poder dos deuses m ais velhos. Aos poucos,

m as com segurança, tom ei o lugar deles. O m undo inferior? Eu m e tornei o senhor de lá,

substituindo Hades e Osíris. O cão de guarda, Cérbero, se transform ou no m eu caj ado, que você

agora está segurando. As três cabeças representam o passado, o presente e o futuro, os quais

controlarei quando o caj ado voltar ao m eu poder.

O deus esticou a m ão. O m onstro tentou alcançá-lo. Os m úsculos do braço de Annabeth

estavam queim ando. Os dedos com eçaram a ceder.

Sadie continuava balançando o pingente e m urm urando um feitiço.

Hécate sagrada, pensou Annabeth, *é preciso quanto tempo para se fazer um feitiço*

idiota?

Seus olhos encontraram os de Sadie, e ela entendeu o recado: *Espere. Só mais alguns segundos.*

Annabeth não sabia se tinha mais alguns segundos.

— A dinastia ptolomáica... — Ela trincou os dentes. — Ela caiu séculos atrás. Seu culto foi

esquecido. Por que você voltou agora?

Serápis fungou.

— Isso não é importante. Aquele que me despertou... bem, ele tem delírios de grandeza. Acha

que pode me controlar só porque encontrou uns feitiços antigos no Livro de Thoth.

Atrás do deus, Sadie se encolheu com o se tivesse sido atingida entre os olhos. Aparentemente,

esse “Livro de Thoth” trazia algum papel branco.

— Sabe — prosseguiu Serápis —, naquela época, o rei Ptolomeu decidiu que não bastava *me*

fazer o deus principal. Também queria ser imortal. Ele se declarou deus, mas a minha mãe agia de

errado. Depois que ele morreu, sua família foi amaldiçoada por muitas gerações. A linhagem

ptolomáica foi ficando cada vez mais fraca, até que aquela tola da Cleópatra se suicidou e deu

tudo para os romanos.

O deus fez expressão de desprezo.

— Esses mortais... são sempre tão gananciosos. O mesmo que *dessa vez* me despertou acha que

pode fazer o melhor do que Ptolomeu. Ele me despertar foi só um de seus

experim entos com

m agia greco-egípcia. Ele quer se tornar deus, m as se excedeu. Eu voltei. *Eu* vou controlar o

universo.

Serápis dirigiu os olhos verdes e brilhantes para Annabeth. Suas feições pareceram m udar

fazendo Annabeth se lem brar de m uitos olim pianos: Zeus, Poseidon, Hades. Algum a coisa no

sorriso dele até a fez recordar-se de sua m ãe, Atena.

— Pense só, pequena sem ideusa — disse Serápis —, esse farol vai atrair os deuses até m im

com o m ariposas para um a vela. Quando eu tiver consum ido o poder deles, vou erguer um a

grande cidade. Construirei um a nova biblioteca de Alexandria com todo o conhecim ento do

m undo antigo, tanto grego quanto egípcio. Com o filha de Atena, você deve apreciar isso. Com o

m inha sacerdotisa, pense em todo o poder que você vai ter!

Uma nova biblioteca de Alexandria.

Annabeth não podia fingir que a ideia não m exia com ela. Tanto conhecim ento do m undo

antigo foi destruído quando aquela biblioteca pegou fogo.

Serápis deve ter visto a fom e nos olhos dela.

— Sim . — Ele esticou a m ão. — Chega de conversa, garota. Traga m eu caj ado!

— Você está certo — resm ungou Annabeth. — Chega de conversa.

Ela puxou a adaga e enfiou na concha do m onstro.

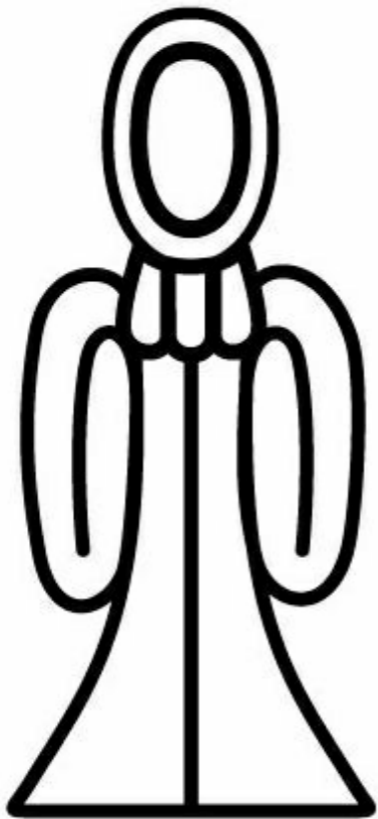
* * *

Muitas coisas podiam ter dado errado. A maioria deu mesmo.

Annabeth esperava que a faca fosse partir a concha, talvez até destruir o monstro. Mas ela só

abriu uma pequena fissura que cuspiu uma magia vermelha tão quente quanto um filete de

magia. Annabeth cambaleou para trás, com os olhos ardendo.



Serápis gritou:

— TRAIÇÃO!

A criatura do cajado uivou e se debateu, com as três cabeças tentando em vão alcançar a faca

enfiada nas costas.

No momento, Sadie lançou o feitiço. Ela lançou o colar de prata e gritou:

— *Fyet!*

O pingente explodiu. Um hieróglifo prateado gigante envolveu o deus com o um caixão

transparente:

Serápis rugiu quando seus braços ficaram presos nas laterais do corpo.

Sadie gritou:

— Eu o nomeio Serápis, deus de Alexandria! Deus de... hum, chapéus esquisitos e cajados de

três cabeças! Eu o amarro com o poder de Ísis!

Detritos começaram a cair do ar e se esparramaram ao redor de Annabeth. Ela desviou de um

monstro de tijolos e de um caixão de luz. Em seguida, percebeu que o monstro do cajado ferido

rastejava na direção de Serápis.

Ela correu em sua direção, mas foi atingida na cabeça por um pedaço de madeira. Bateu no

chão com força, a cabeça latejando, e foi enterrada na mesma hora por mais detritos.

Ela respirou com dificuldade.

— Ai, ai, ai.

Pelo momento, não estava enterrada sob tijolos. Ela abriu caminho em uma pilha de

com pedras e tirou uma farda de quinze centímetros da caixa.

O monstro tinha chegado aos pés de Serápis. Annabeth sabia que deveria ter esfaqueado um a

das cabeças do monstro, mas não havia conseguido fazer isso. Sem pressa quando se

tratava de animais, mesmo que fossem parte de uma criatura mágica do mundo al-
tentando matá-la.

Naquele momento, era tarde demais.

O deus forçou os músculos. A prisão prateada se despedaçou a seu redor. O caído de

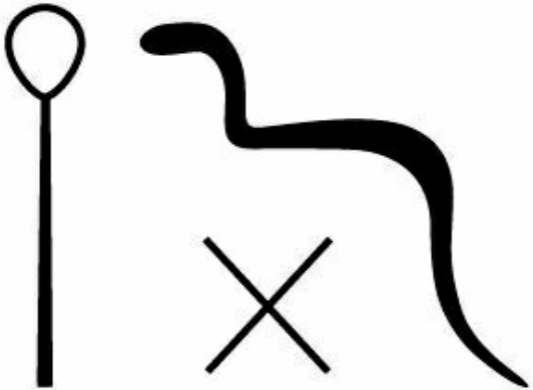
três cabeças voou para o chão, e Serápis se virou para Sadie Kane.

O círculo protetor dela evaporou em uma nuvem de vapor vermelho.

— Você queria me *amarrar*? — gritou Serápis. — Você queria me *nomear*?
Você nem tem a

linguagem apropriada para me nomear, pequena maga!

Annabeth cambaleou para a frente, mas sua respiração continuava difícil. Com Serápis de



posse do cajado, a aura dele parecia dez vezes mais poderosa. Os ouvidos de Annabeth zum biam .

Os tornozelos estavam molhados com o um a gelatina. Ela conseguia sentir sua força vital sendo

sugada... sugada para o halo vermelho do deus.

De alguma forma, Sadie mantinha sua posição com expressão desafiadora.

— Tudo bem, senhor Tigela de Cereal. Você quer uma linguagem apropriada?
HA-DI!

Um novo hieróglifo ardeu no rosto de Serápis:

Mas o deus o apagou do ar com a mão livre. Ele fechou o punho, e fumaça saiu por entre os

dedos, como se ele tivesse acabado de esmagar uma locomotiva a vapor em miniatura.

Sadie engoliu em seco.

— Isso é impossível. Com o...?

— Estava esperando um a explosão? — Serápis riu. — Me desculpe por decepcioná-la,

criança, mas me eu poder é grego e egípcio. Com bina os dois, consum e os dois, *substitui* os dois.

Veja o que é beneficiada por Ísis, certo? Excelente. Ela já foi minha mulher.

— *O quê?* — gritou Sadie. — Não. Não, não, não.

— Ah, sim! Quando depois Osiris e Zeus, Ísis foi obrigada a me servir. Agora, vou usar você

com o portal para atraí-la e amarrá-la. Ísis vai ser minha rainha de novo!

Serápis apontou o cajado. De cada um das três cabeças monstruosas, filetes vermelhos de luz

dispararam, envolvendo Sadie em galhos espinhentos.

Sadie gritou, e Annabeth finalmente se recuperou do choque.

Ela pegou a folha de pensamento mais próxima — um quadrado aleável do tamanho de um

escudo — e tentou lembrar das aulas de *frisbee* do Acampamento Meio-Sangue.

— Ei, Cabeça de Grão! — gritou Annabeth.

Ela girou a cintura e usou a força do corpo todo. O pensamento voou pelo ar na hora em que

Serápis se virou para ela, e a beirada bateu bem entre os olhos dele.

— AHH!

Annabeth mergulhou para o lado quando Serápis apontou cegamente o cajado na direção dela.

As três cabeças de monstro lançaram chamadas superaquecidas de vapor, que abriram um buraco

no concreto onde Annabeth estava havia pouco.

Ela continuou a se mover e abriu caminho entre as montanhas de detritos que agora cobriam o

chão. Mergulhou atrás de uma pilha de vasos sanitários quebrados quando o cajado do deus

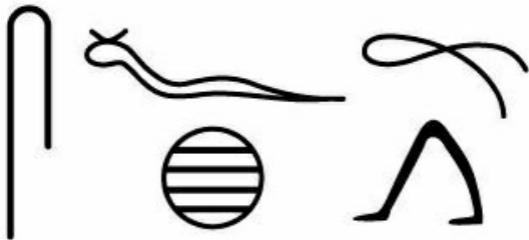
lançou outro jato triplo de vapor na direção dela, chegando tão perto que ela sentiu bolhas

surgirem na nuca.

Annabeth viu Sadie a uns trinta metros, de pé e balançando para longe de Serápis. Pelo

menos, ainda estava viva. Mas Annabeth sabia que precisaria de tempo para se recuperar.

— Ei, Serápis! — gritou Annabeth por trás da montanha de privadas. — Qual era o gosto



daquele com pensado?

— Filha de Atena! — gritou o deus. — Vou devorar sua força vital! Vou usar você para

destruir sua alma! Você se acha inteligente? Você não é nada em comparação com

aquele que me despertou, e nem *ele* entende o poder que libertou. Nenhum de vocês vai ganhar a

coroa da imortalidade. Eu controlo o passado, o presente e o futuro. Sozinho, governarei os

deuses!

E obrigada pelo longo discurso, pensou Annabeth.

Quando Serápis explodiu o local onde ela estava, transformando os vasos sanitários em uma

pilha de porcelana quebrada, Annabeth já tinha se esgueirado pela metade da sala.

Estava procurando Sadie quando a mágica apareceu em seu esconderijo, a apenas três metros

de distância, e gritou:

— *Suh-FAH!*

Annabeth se virou quando um novo hieróglifo, de seis metros de altura, ardeu na parede atrás

de Serápis:

A argamassa se desfez. Um ruído veio da lateral do prédio, e, quando Serápis gritou “NÃO!”,

a parede inteira desabou em cima dele em uma onda de tijolos que o enterrou sob toneladas de

escombros.

Annabeth engasgou com a nuvem de poeira. Seus olhos ardiam. Ela sentia como se tivesse

sido cozida em uma panela de arroz, mas conseguiu campear para perto de Sadie.

Ajoventim agora estava coberta de pó de cal como se tivesse sido passada no açúcar. Olhava

para o buraco que havia feito na lateral do prédio.

— Isso funcionou — murmurou ela.

— Foi genial. — Annabeth apertou os ombros dela. — Que feitiço foi aquele?

— *Afrouxar* — disse Sadie. — Eu achei... bem, destruir costumava ser mais fácil do que

construir.

Com o seu concordando, o resto da estrutura do prédio estalou e gemeu.

— Venha. — Annabeth pegou a mão de Sadie. — Precisamos sair daqui. Essas paredes...

A fundação tremeu. Debaixo dos destroços veio um rugido abafado. Filetes de luz vermelha

brilhavam por entre os detritos.

— Ah, por favor! — protestou Sadie. — Ele ainda está *vivo*?

Um desânimo o recaiu sobre Annabeth, mas ela não estava surpresa.

— Ele é um deus. É imortal.

— Ah, então com o...?

A mão de Serápis, ainda segurando o cajado, surgiu por entre os tijolos e tábuas. As três

cabeças do monstro dispararam jatos de vapor em todas as direções. A faca de Annabeth ainda

estava enfiada até o cabo na concha do monstro, e a cicatriz ao redor soltava hieróglifos, letras

gregas e palavras em vermelho — milhares de anos de palavras chulas se espalhando

livremente.

Como uma linha do tempo, pensou Annabeth.

De repente, surgiu-lhe uma ideia.

— Passado, presente e futuro. Ele controla tudo.

— O quê? — perguntou Sadie.

— O cajado é a chave — disse Annabeth. — Tem os que destruí-lo.

— Sim, mas...

Annabeth correu para a pilha de destroços. Seus olhos estavam grudados no cabo da adaga,

mas ela chegou tarde demais.

Serápis soltou o outro braço, depois a cabeça, com o cesto de flores esmagado e vazando

grãos. O *frisbee* de com pensamento que Annabeth tinha jogado quebrara o nariz dele e deixara os

olhos roxos, fazendo-o parecer um guaxinim.

— Vou matar você! — gritou ele, no momento em que Sadie repetiu:

— *Suh-FAH!*

Annabeth fez um recuo apressado, e Serápis gritou “NÃO!” quando outra seção da parede de

trinta andares caiu em cima dele.

A magia deve ter exaurido Sadie. Ela caiu com o um a boneca de pano, e Annabeth a pegou

bem a tempo de não deixar a cabeça bater no chão. Quando as seções que restavam da parede

trem eram e se inclinaram para dentro, Annabeth pegou a garota, que era mais nova que ela, no

colo e a levou para fora.

De alguma forma, ela saiu do prédio antes do restante desabar. Annabeth ouviu o rugido

gigantesco, mas não sabia se era a destruição atrás de si ou o som de seu crânio se partindo com

a dor e a exaustão.

Ela continuou camaleão até chegar aos trilhos do metrô. Lá, colocou Sadie delicadamente

sobre o metrô.

Os olhos de Sadie se reviraram. Ela murmurava coisas incoerentes. A pele estava tão febril

que Annabeth precisou lutar contra o pânico. Vapor saía das mangas da magalha.

Perto do local do acidente do trem, os motoristas repararam no novo desastre. Veículos de

socorro começaram a se afastar e seguir na direção do prédio desmoronado. Um helicóptero da

imprensa voava em círculos.

Annabeth ficou tentada a gritar pedindo ajuda médica, mas, antes que pudesse fazê-lo, Sadie

inspirou com força. Suas pálpebras tremiam.

Ela cuspiu um pedaço de concreto, se sentou com fraqueza e olhou para a coluna de poeira

que subia para o céu com o resultado da pequena aventura delas.

— Certo — murmurou Sadie. — O que devem os destruir agora?

Annabeth chorou de alívio.

— Graças aos deuses você está bem. Você estava soltando fumaça.

— Ossos do ofício. — Sadie tirou um pouco da poeira do rosto. — Magia demais pode

literalmente me queimar. Foi o mais perto que cheguei da imolação hoje.

Annabeth concordou. Tinha sentido inveja de todos aqueles feitiços legais que

Sadie sabia

fazer, mas naquele momento estava feliz de ser apenas uma sem ideias.

— Chega de magia para você.

— Aos menos por um tempo. — Sadie fez uma careta. — Imagino que não tenham os

derrotado Serápis.

Annabeth olhou para o local do pretense farol. Queria achar que o deus não existia mais,

porém sabia que não era possível. Ainda conseguia sentir a aura dele rompendo o mundo,

puxando a alma dela e sugando sua energia.

— Tem os no máximo alguns minutos — supôs ela. — Ele vai se libertar. E virá atrás de nós.

Sadie gemeu.

— Precisamos de reforços. Infelizmente, não tenho energia suficiente para abrir um portal,

mesmo se eu conseguisse encontrar um Ísis também não está me respondendo. Ela sabe que não

deve aparecer e ter a essência sugada pelo senhor Tigela de Cereal. — Ela suspirou. — Imagino

que você não tenha o contato de outros semideuses com o chamado de emergência no celular,

tem?

— Se aos menos... — Annabeth parou de falar.

Ela percebeu que a mochila ainda estava nos ombros. Com o não havia caído durante a luta? E

por que estava tão leve?

Ela puxou a m ochila e abriu. Os livros de arquitetura tinham sum ido. O que havia no fundo era

um quadrado de am brosia do tam anho de um brownie enrolado em celofane, e por baixo...

O lábio inferior de Annabeth trem eu. Ela tirou um a coisa que não carregava havia m uito

tem po: o boné azul surrado do New York Yankees.

Ela olhou para o céu que escurecia.

— Mãe?

Não houve resposta, m as Annabeth não conseguia pensar em nenhum a outra explicação. A

m ãe tinha enviado aj uda. Com preender isso a encoraj ou e apavorou. Se Atena estava interessada

particularm ente na situação, Serápis era um a am eaça m onum ental de verdade... não só para

Annabeth, m as para os deuses.

— É um boné de beisebol — observou Sadie. — Isso é bom ?

— Eu... acho que sim — disse Annabeth. — Na últim a vez que usei a m agia não funcionou.

Mas, se *funcionar*... eu talvez tenha um plano. Vai ser sua vez de distrair Serápis.

Sadie franziu a testa.

— Não m encionei que estou sem m agia?

— Não tem problem a — disse Annabeth. — Com o você é em blefar, m entir e falar besteira?

Sadie ergueu um a sobrancelha.

— Já disseram que são m inhas qualidades m ais atraentes.

— Excelente — disse Annabeth. — Então está na hora de eu ensinar grego para

você.

* * *

Elas não tinham muito tempo.

Annabeth mal tinha tempo de preparar Sadie quando o prédio desmoronou
em cima dela,

debris explodiram e Serápis surgiu, rugindo e amaldiçoando.

Quem estava trabalhando no acidente saiu, assustado, correndo do local, mas
não pareceu

perceber o deus de quatro metros e meio se afastando do desmoronamento,
com o cuidado de três

cabeças cuspidando vapor e raios vermelhos de magia para o céu.

Serápis se dirigia com convicção para perto de Sadie e Annabeth.

— Pronta? — perguntou Annabeth.

Sadie suspirou.

— Tenho escolha?

— Aqui. — Annabeth deu a ela o quadrado de magia. — Com cuidado sem
ideus. Deve

restaurar sua força.

— *Deve*, não é?

— Se eu posso usar sua poção curativa, você deve poder comer a brosia.

— Tim-tim, então. — Sadie deu um abraço. Suas bochechas ganharam cor
de novo. Os

olhos cintilaram. — Tem gosto dos pãezinhos da minha avó.

Annabeth sorriu.

— A brosia sem tempero tem o gosto da sua comida favorita.

— Um a pena. — Sadie deu outra m ordida e engoliu. — Os pãezinhos da vovó estão sem pre

queim ados e bem ruins. Ah, lá vem nosso am igo.

Serápis chutou um carro de bom beiro que estava no cam inho e seguiu na direção dos trilhos do

trem . Não parecia ter visto Sadie e Annabeth ainda, m as a sem ideusa achava que ele conseguia

sentir onde elas estavam . O deus observou o horizonte cheio de fúria assassina no rosto.

— Aqui vam os nós.

Annabeth colocou o boné do Yankees.

Os olhos de Sadie se arregalaram .

— Muito bem . Você está bem invisível. Não vai com eçar a disparar fagulhas, vai?

— Por que eu faria isso?

— Ah... m eu irm ão fez um feitiço de invisibilidade um a vez. Não funcionou m uito bem . De

qualquer m odo, boa sorte.

— Para você tam bém .

Annabeth correu para um lado enquanto Sadie com eçou a balançar os braços e gritar:

— Ei, Serápis!

— PARA VOCÊ, A MORTE! — berrou o deus.

Ele seguiu em frente, com os pés enorm es abrindo crateras no asfalto.

Com o elas planej aram , Sadie recuou na direção da praia. Annabeth se agachou atrás de um

carro abandonado e esperou que Serápis passasse. Invisível ou não, ela não iria se

arriscar.

— Venha! — disse Sadie, provocando o deus. — Isso é o mais rápido que você consegue

correr, seu caipira gigantesco?

— RAAAW!

O deus disparou para onde Annabeth estava.

Ela correu atrás de Serápis, que alcançou Sadie perto do mar.

O deus ergueu o cajado cintilante, com as três cabeças monstruosas arrotando vapor.

— Suas últimas palavras, amigo?

— Para você? Sim!

Sadie girou os braços em movimentos que poderiam ser mágicos... ou talvez de kung fu.

— *Meana aedei thea!* — Ela entoou as frases que Annabeth havia ensinado. — *En... ponte*

pathen algae!

Annabeth fez um careta. A pronúncia de Sadie era bem ruim. Ela tinha acertado mais ou

menos a primeira frase: *Cante sobre a fúria, ó deusa.* Mas a segunda devia ser: *No mar, que sofra*

a miséria. Mas Sadie dissera alguma coisa parecida com: *No mar, sofra o musgo!*

Felizmente, o som do grego antigo bastou para impressionar Serápis. O deus hesitou, com o

cajado de três cabeças ainda erguido.

— O que você...

— Ísis, meu escute! — prosseguiu Sadie. — Atena, meu ajude!

Ela soltou outras frases, algum as em grego, algum as em egípcio antigo.

Enquanto isso, Annabeth foi se aproximando por trás do deus, com os olhos na adaga ainda

enfia na concha do monstro. Se Serápis baixasse o cajado...

— *Alfa, beta, gama!* — gritou Sadie. — *Gyros, spanakopita. Presto!* — Ela sorriu com triunfo.

— Pronto. Você já era!

Serápis ficou olhando para ela, perplexo. As tatuagens vermelhas em sua pele se apagaram

um pouco. Alguns símbolos viraram pontos de interrogação e carinhas tristes. Annabeth chegou

mais perto... estava a seis metros dele.

— Já era? — perguntou Serápis. — De que diabo você está falando, garota? Estou prestes a

destruir você.

— E, se destruir — avisou Sadie —, ativará a ligação mortal que envia você para o

esquecimento!

— Ligação mortal? Não existe isso!

Serápis baixou o cajado. As três cabeças de animal estavam na altura dos olhos de Annabeth.

O coração dela disparou. Faltavam três metros. Se ela pulasse, talvez conseguisse alcançar a

adaga. Só teria uma chance para puxá-la.

As cabeças do cajado não pareceram reparar nela. Elas rosnavam e mordiam, cuspidando

vapor em direções aleatórias. Lobo, leão, cachorro: passado, presente e futuro.

Para provocar o dano máximo, ela sabia qual cabeça precisava acertar.

Mas por que o futuro tinha que ser um cachorro? Aquele labrador preto era a m

enos

am eçadora das cabeças de monstro. Com grandes olhos dourados e orelhas caídas, fazia

Annabeth se lembrar de muitos animais simpáticos que conhecera.

Não é um animal de verdade, disse a si mesma. *É parte de um cajado mágico.*

Mas, quando chegou a uma distância suficiente para acertá-lo, os braços ficaram pesados. Ela

não conseguia olhar para o cachorro sem sentir culpa.

O futuro é uma coisa boa, o cachorro parecia dizer. *É fofo e macio!*

Se Annabeth acertasse a cabeça do labrador, ela estaria matando seu próprio futuro, os planos

que tinha para a faculdade, os planos que havia feito com Percy ...?

Sadie ainda estava falando. Seu tom estava mais ousado.

— Minha mãe, Ruby Kane — disse Sadie para Serápis —, deu a vida para prender Apófis no

Duat. *Apófis*, veja bem, que tem milhares de anos mais do que você e é muito mais poderoso.

Então, se você acha que vou deixar um deus de segunda categoria controlar o mundo, está muito

enganado!

A raiva na voz dela não era blefe, e de repente Annabeth ficou feliz de ter dado a Sadie a

tarifa de enfrentar Serápis. A amiga era surpreendentemente apavorante quando queria.

Serápis se mexeu, pouco à vontade.

— Eu vou destruir você!

— Boa sorte — provocou Sadie. — Atei você a feitiços gregos e egípcios tão poderosos que

vão lançar seus átomos às estrelas.

— Você está me entendendo! — gritou Serápis. — Não sinto feitiço nenhum em mim.
Nem aquele

que me despertou tinha um magia assim.

Annabeth estava cara a cara com o cachorro preto. A adaga estava logo acima, mas todas as

moléculas do corpo dela se rebelavam contra a ideia de me atar o animado... me atar o futuro.

Enquanto isso, Sadie forçou um gargalhada corajosa.

— O que despertou você? Você está falando daquele velho golpista, Setne?

Annabeth não conhecia aquele nome, mas Serápis com certeza conhecia. O ar ao redor dele

agitou-se de calor. O leão rosnou. O lobo mostrou os dentes.

— Ah, sim — prosseguiu Sadie. — Conheço bem Setne. Imagino que ele não tenha lhe

contado quem o deixou voltar ao mundo. Ele só está vivo porque *eu* o poupei. Você acha que a

magia *dele* é poderosa? Então me teste. AGORA.

Annabeth se mexeu. Percebeu que Sadie estava falando com *ela*, não com o deus. O blefe

estava se esgotando. Ela não tinha mais tempo.

Serápis falou com deboche:

— Boa tentativa, mago.

Quando ele ergueu o cajado para atacar, Annabeth pulou. Mas não se fechou ao

redor do cabo

da adaga, e ela a puxou.

— O quê? — gritou Serápis.

Annabeth soltou um choro gutural e enfiou a adaga no pescoço do cachorro.

* * *

Ela esperava um a explosão.

Mas o que aconteceu foi que a adaga foi sugada pelo pescoço do cachorro com o um clipe de

papel por um aspirador de pó. Annabeth quase não teve tempo de soltar.

Ela rolou para longe quando o cachorro uivou, encolheu e murchou até implodir dentro da

concha do monstro. Serápis rugiu. Balançou o cetro, mas parecia não conseguir soltar.

— O que você fez? — gritou ele.

— Tirei seu futuro — disse Annabeth. — Sem isso, você não é nada.

O cajado rachou. Ficou tão quente que Annabeth sentiu os pelos no braço com queimarem a

queimarem. Rastejou para trás na areia quando as cabeças de leão e lobo foram sugadas pela

concha. O cajado todo desmoronou em uma bola vermelha de fogo na mão do deus.

Serápis tentou jogar longe. Só brilhou com maior intensidade. Seus dedos se curvaram. Sua mão

foi consumida. O braço todo se contraiu e evaporou ao ser puxado para dentro da esfera ardente.

— Não posso ser destruído! — gritou Serápis. — Sou o ápice da união dos mundos de vocês!

Sem minha orientação, vocês nunca vão obter a coroa! Vocês vão perecer!
Vocês...

A bola de fogo brilhou e sugou o deus para seu vórtice. E, então, apagou-se com o
se nunca

tivesse existido.

* * *

— Ugh — disse Sadie.

Elas se sentaram na praia ao pôr do sol, vendo a maré e ouvindo o barulho dos
veículos de

socorro atrás.

Pobre Rockaway. Primeiro, um furacão. Depois, um acidente de trem, um
desmembramento

de prédio e um deus enraivecido, tudo em um dia. Algumas com unidades nunca
têm descanso.

Annabeth tomou um pouco de Ribena, uma bebida britânica que Sadie havia
pegado na “área

de depósito pessoal” no Duat.

— Não se preocupe — disse Sadie, tranquilizando-a. — Conjurar um lanchinho
não é muito

difícil.

Do jeito que Annabeth estava com sede, o Ribena estava muito gostoso do que
néctar.

Sadie parecia estar melhor. A amargura fizera efeito. Naquele momento, em
vez de parecer

estar à beira da morte, ela só parecia ter sido atropelada por um bando de
mulas.

As ondas batiam nos pés de Annabeth e ela começava a relaxar, mas ela ainda
sentia certa

inquietação pelo encontro com Serápis... um a vibração no corpo, com o se todos os ossos tivessem

virado diapasões.

— Você m encionou um nom e — lem brou ela. — Setne?

Sadie torceu o nariz.

— Longa história. É um m ago do m al que voltou à vida.

— Ah, odeio quando pessoas do m al voltam à vida. Você disse... que o deixou livre?

— Ah, eu e m eu irm ão precisávam os da aj uda dele. Na época, não tivem os m uita escolha. De

qualquer m odo, Setne fugiu com o Livro de Thoth, a coleção de feitiços m ais perigosa do m undo.

— E Setne usou a m agia para despertar Serápis.

— Faz sentido. — Sadie deu de om bros. — O m onstro crocodilo que m eu irm ão e seu

nam orado enfrentaram um tem po atrás, o filho de Sobek.. Eu não ficaria surpresa se fosse m ais

um dos experim entos de Setne. Ele tenta com binar m agia grega e egípcia.

Depois do dia que elas tiveram , Annabeth queria colocar o boné de invisibilidade, entrar em

um buraco e dorm ir para sem pre. Já tinha salvado o m undo vezes suficientes. Não queria pensar

em outra potencial am eaça. Mas não podia ignorá-la. Ela tocou na aba do boné do Yankees e

tentou entender por que a m ãe o havia devolvido naquele dia, com a m agia restaurada.

Atena parecia enviar um a m ensagem : *Sempre haverá ameaças poderosas demais para serem*

enfrentadas de frente. Seus dias de discrição não terminaram. Você precisa seguir com cuidado.

— Setne quer ser deus — disse Annabeth.

O vento que vinha do mar ficou frio de repente. Tinha um cheiro de ar fresco e um arinho e

um ar de ruínas queimadas.

— Deus... — Sadie tremeu. — Aquele coroa, excêntrico e um agrelo, de tanga e cabelo de

Elvis. Que pensam então horrível.

Annabeth tentou visualizar o homem que Sadie descrevia. Mas logo decidiu que não queria

fazer isso.

— Se o objetivo de Setne é a imortalidade — disse Annabeth —, despertar Serápis não vai ser

seu último truque.

Sadie riu, mas sem humor.

— Ah, não. Ele só está brincando com a gente agora. O filho de Sobek... Serápis. Eu apostaria

que Setne planeje os dois eventos só para ver o que aconteceria, com os semideuses e um mês

reagiriam. Ele está testando um magia nova, e nossas capacidades, antes de fazer sua verdadeira

aposta pelo poder.

— Ele não tem como fazer isso — disse Annabeth, esperançosa. — Ninguém consegue se

tornar deus só com feitiços.

A expressão de Sadie não foi tranquilizadora.

— Espero que você esteja a certa. Porque um deus que sabe magia grega e egípcia, que

conseguir controlar os dois mundos... não consigo nem imaginar.

O estômago de Annabeth deu um nó, como se estivesse aprendendo uma nova posição de

ioga. Em qualquer guerra, um bom planejador era mais importante do que apenas poder. Se o

tal Setne havia orquestrado a batalha de Percy e Carter com aquele crocodilo, se havia planejado

o despertar de Serápis para que Sadie e Annabeth fossem levadas a lutar contra ele... Um

ímigo que planejara tão bem seria muito difícil de deter.

Ela enfiou os dedos na areia.

— Serápis disse outra coisa antes de desaparecer: *você nunca vão obter a coroa*. Achei que

era uma metáfora. Depois lembrei o que ele havia dito sobre Ptolomeu I, o rei que tentou se

tornar deus...

— A coroa da imortalidade — relembrou Sadie. — Talvez um *pschent*.

Annabeth franziu a testa.

— Não conheço essa palavra. *Shent*?

Sadie soletrou.

— Uma coroa egípcia, parece mais um pino de boliche. Não é um belo acessório de moda,

mas o *pschent* dava ao faraó poder divino. Se Setne está tentando recriar a magia de fazer deuses

do velho rei, aposto cinco libras e um prato dos pãezinhos queimados da vovó que está tentando

encontrar a coroa de Ptolom eu.

Annabeth decidiu não aceitar a aposta.

— Tem os que im pedi-lo.

— Certo. — Sadie bebericou o Ribena. — Vou voltar para a Casa do Brookly n. Depois de bater

no m eu irm ão por não m e contar sobre vocês, sem ideuses, vou botar nossos pesquisadores para

trabalhar e ver o que podem os descobrir sobre Ptolom eu. Pode ser que a coroa dele estej a em

algum m useu por aí. — O lábio de Sadie se curvou. — Apesar de eu *odiar* m useus.

Annabeth passou o dedo na areia. Sem perceber, ela desenhou o hieróglifo de Ísis, o *tvet*.

— Tam bém vou pesquisar. Meus am igos no chalé de Hécate podem saber algum a coisa sobre

a m agia de Ptolom eu. Talvez eu possa convencer m inha m ãe a m e aconselhar.

Pensar na m ãe a deixou inquieta.

Naquele dia, Serápis esteve prestes a destruir tanto Annabeth quanto Sadie. Am eaçou usá-las

com o portais para atrair Atena e Ísis e acabar com elas.

Os olhos de Sadie estavam agitados, com o se ela estivesse pensando a m esm a coisa.

— Não podem os deixar Setne continuar com essas experiências. Ele vai destruir nossos

m undos. Tem os que encontrar essa coroa, senão...

Ela olhou para o céu, e sua voz falhou.

— Ah, minha carona chegou.

Annabeth se virou. Por um momento, achou que o *Argo II* estava descendo das nuvens, mas

esse era um tipo diferente de barco voador: um a pequena barca de junco com olhos pintados na

proa e um a única vela branca com o símbolo *tyet* desenhado.

Ela parou delicadamente depois da arrebentação.

Sadie se levantou e tirou a areia da calça.

— Quer um a carona para casa?

Annabeth tentou imaginar um barco daqueles navegando até o Acampamento Meio-Sangue.

— Hã, não precisa. Posso voltar sozinha.

— Você que sabe. — Sadie colocou a mochila no ombro e ajudou Annabeth a se levantar. —

Você disse que Carter usou hieróglifos para ajudá-lo a falar seu nome em oróico. Tudo bem, tudo ótimo, mas

prefiro ficar em contato direto com você.

Annabeth deu um sorrisinho.

— Você está certa. Não dá para confiar nos garotos quando se trata de comunicação.

Elas trocaram o número de celular.

— Mas só ligue se for urgente — avisou Annabeth. — Celulares atraem monstros.

Sadie pareceu surpresa.

— É mesmo? Nunca reparei. Acho que não devo andar *selfies* com caras engraçadas pelo

Instagram, então.

— Melhor não.

— Bom, até a próxima.

Sadie deu um leve abraço em Annabeth.

Annabeth ficou um pouco surpresa ao ganhar um abraço de uma garota que tinha acabado de

conhecer, uma garota que poderia muito bem ter visto Annabeth com o inimigo. Mas o gesto a fez

se sentir bem. Annabeth aprendeu que, em situações de vida ou morte, as pessoas podiam fazer

amizade rapidamente.

Ela deu um tapinha no ombro de Sadie.

— Tenha cuidado.

— É difícil.

Sadie subiu no barco, que partiu para o mar. Surgiu uma neblina do nada, que ficou densa ao

redor da embarcação. Quando a neblina sumiu, o navio e Sadie Kane tinham desaparecido.

Annabeth ficou olhando para o oceano vazio. Pensou na Névoa, no Duat e em como eles

estavam ligados.

Mais do que tudo, ela pensou no casamento de Serápis e no uivo que o cachorro preto dera quando

ela o perfurara com a adaga.

— Não foi o meu futuro que eu destruí — garantiu a si mesma. — Eu faço o meu futuro.

Mas, em algum lugar por ali, um mago chamado Setne tinha outros planos. Se Annabeth

queria detê-lo, tinha que se preparar.

Ela deu m eia-volta e saiu andando pela praia, rum o ao leste, iniciando a longa j ornada de volta

ao Acam pam ento Meio-Sangue.

LEIA UM TRECHO DE

O sangue do Olimpo

I

JASON

JASON DETESTAVA SER VELHO.

Suas j untas doíam . Suas pernas trem iam . Enquanto ele tentava subir a colina, seus pulm ões

chiavam com o um m otor velho.

Ele não podia ver o próprio rosto, m as os dedos estavam retorcidos e ossudos. Veias azuis e

inchadas form avam teias nas costas de suas m ãos.

Ele tinha até aquele cheiro de velho: naftalina e canj a de galinha. Com o isso era possível? Ele

tinha ido dos dezesseis aos setenta anos em questão de segundos, m as o cheiro de velho chegara

em um instante, tipo *bum*. Parabéns! Você fede!

— Estam os quase lá. — Piper sorriu para ele. — Você está indo m uito bem .

Era fácil falar. Piper e Annabeth estavam disfarçadas de lindas j ovens criadas gregas. Mesm o

com o vestido branco sem m angas e as sandálias estilo gladiador, elas não tinham problem as em

seguir pela trilha rochosa.

O cabelo cor de m ogno de Piper estava trançado e preso em um coque.

Braceletes de prata

enfeitavam seus braços. Ela parecia um a estátua antiga de sua m ãe, Afrodite, que Jason achava

um pouco intim idadora.

Nam orar um a garota bonita j á era bem estressante. Nam orar um a garota que era filha da

deusa do am or... Bem , Jason sem pre ficava com m edo de com eter algum deslize que deixasse a

m ãe de Piper com raiva a ponto de, do alto do Monte Olim po, transform á-lo em um porco

selvagem .

Jason olhou para o alto da colina. Ainda faltavam uns cem m etros até o cum e.

— Isso foi um a péssim a ideia. — Ele se apoiou no tronco de um cedro e enxugou o suor da

testa. — A m agia de Hazel é boa dem ais. Se precisarm os lutar, não vou servir para nada.

— Não vai chegar a esse ponto — prom eteu Annabeth.

Ela parecia desconfortável em seu traj e de criada. Não parava de levantar os om bros para

evitar que o vestido escorregasse. O coque no alto de sua cabeça tinha se desfeito, e seu cabelo

louro caía por suas costas com o com pridias pernas de aranha. Sabendo de seu ódio pelos

aracnídeos, Jason achou m elhor não com entar isso.

— Vam os nos infiltrar no palácio — disse ela —, conseguir a inform ação que querem os e cair

fora.

Piper pôs no chão sua ânfora, o grande jarro de vinho de cerâmica em que sua espada estava

escondida.

— Podem os descansar um segundo. Recupere o fôlego, Jason.

Sua cornucópia, o chifre mágico da fartura, estava presa à cintura; sua adaga, Katoptris,

enfiada em algum lugar entre as dobras de sua roupa. Piper não parecia perigosa, mas, em caso

de necessidade, poderia lutar com duas lâminas de bronze celestial ou atirar munições mágicas na

cara de seus inimigos.

Annabeth tirou sua ânfora dos ombros. Ela também levava uma espada escondida; mas,

mesmo sem ter uma arma visível, parecia mortal. Seus olhos cinzentos e tempestuosos

examinavam o local, alertas a qualquer ameaça. Se algum sujeito convidasse Annabeth para

sair, Jason achava muito provável que levasse um chute no *bifurcum*.

Ele tentou controlar a respiração.

Lá em baixo, a Baía de Afales brilhava, a água tão azul que parecia tingida de corante. Lá

estava o *Argo II*, ancorado a algumas centenas de metros da orla. De longe, suas velas brancas

pareciam selos; seus noventa remos, palitos de dente. Jason imaginou os amigos no convés

acompanhando seu progresso, se revezando com a luneta de Leo, tentando não rir ao ver o vovô

Jason se arrastando colina acima.

— Ítaca idiota — m urm urou ele.

Aquele lugar devia ser m uito bonito. Havia um a serra com picos cobertos de florestas que

serpenteava pelo m eio da ilha. Penhascos de calcário m ergulhavam no m ar. Pequenas baías

form avam praias rochosas e enseadas onde casas de telhados verm elhos e igrejas de estuque

branco se aninhavam à beira-m ar.

As encostas eram pontilhadas de papoulas, açafão e cerejeiras silvestres. A brisa tinha o

cheiro de m urtas em flor. Tudo m uito lindo... exceto a temperatura de quase quarenta graus e o

ar úm ido com o o de um a casa de banho romana.

Teria sido fácil para Jason controlar os ventos e subir a colina voando, mas *nããããõ*. Para evitar

chamar atenção, tinha que se arrastar com o um velho com joelhos fracos e fedor de canja de

galinha.

Ele pensou sobre sua última escalada, duas semanas antes, quando ele e Hazel tinham

enfrentado o vilão Círon nos penhascos da Croácia. Pelo menos na época Jason contava com toda

a sua força. O que estavam prestes a enfrentar seria m uito pior que um bandido.

— Tem certeza de que esta é a colina certa? — perguntou ele. — Parece tudo m eio... não

sei... *quieto*.

Piper observou o cabelo. Havia um a pena de harpia azul-clara trançada em seu cabelo, um a

lem brança do ataque da noite anterior. A pena não com binava m uito com seu disfarce, m as

Piper a havia conquistado ao derrotar sozinha um bando inteiro de senhoras-galinhas dem oníacas

durante seu turno de guarda. Piper m inim izara o feito, m as Jason sabia que ela estava orgulhosa

do que fizera. A pena era um lem brete de que ela não era a m esm a garota do inverno anterior,

quando eles chegaram pela prim eira vez ao Acam pam ento Meio-Sangue.

— As ruínas estão lá em cim a. Eu vi na lâm ina da Katoptris. E vocês ouviram o que Hazel

disse: “A m aior...”

— “A m aior reunião de espíritos m alignos que eu j á senti” — com pletou Jason.
— É. Parece

bem legal.

Depois de tudo por que tinham passado para atravessar o tem plo subterrâneo de Hades, a

últim a coisa que Jason queria era lidar com m ais espíritos m alignos. Mas a m issão estava em

risco. A tripulação do *Argo II* precisava tom ar um a decisão m uito im portante. Se tom assem a

decisão errada, iriam fracassar, e o m undo inteiro seria destruído.

A adaga de Piper, os sentidos m ágicos de Hazel e os instintos de Annabeth concordavam : a

resposta estava ali em Ítaca, no antigo palácio de Odisseu, onde um a horda de espíritos m alignos

tinha se reunido para aguardar as ordens de Gaia. O plano era se infiltrar entre eles, descobrir o

que estava acontecendo e decidir o que fariam a seguir. Depois sair dali, de preferência vivos.

Annabeth reagiu, apertou seu cinto dourado.

— Espero que nossos disfarces funcionem. Os pretendentes eram figuras asquerosas quando

estavam vivos. Se descobrirem que somos os mesmos...

— A magia de Hazel vai funcionar — afirmou Piper.

Jason tentava acreditar.

Os pretendentes: cem dos homens mais perversos, cruéis e gananciosos que já existiram.

Quando Odisseu, rei de Ítaca, desapareceu após a Guerra de Troia, esse bando de príncipes de

segunda classe invadiu seu palácio e se recusou a sair. Todos eles tinham esperanças de se casar

com a rainha Penélope e assumir o reino. Odisseu conseguiu regressar em segredo e matar todos

deles — um a um, na festa básica de boas-vindas. Mas, se as visões de Piper estivessem certas, os

pretendentes estavam de volta, assombrando o palácio onde haviam morrido.

Jason não podia acreditar que estava prestes a visitar o verdadeiro palácio de Odisseu, um dos

heróis gregos mais famosos de todos os tempos. Mas, afinal, toda aquela história consistia em um

acontecimento extraordinário atrás do outro. Annabeth tinha acabado de voltar das profundezas

do Tártaro. Levando isso em conta, Jason achou que deveria parar de reclamar por ser um velho.

— Bem ... — Ele se firmou com seu cajado. — Se eu estiver *parecendo* tão

velho quanto m e

sinto , m eu disfarce deve estar perfeito. Vam os continuar.

Enquanto subiam , o suor escorria por seu pescoço. Suas panturrilhas latej avam . Apesar do

calor, ele com eçou a trem er. E por m ais que tentasse, não conseguia parar de pensar em seus

sonhos recentes.

Desde a Casa de Hades, os sonhos haviam se tornado m ais vívidos.

Às vezes Jason estava parado no tem plo subterrâneo em Épiro, com o gigante Clítio

assom ando sobre ele, falando em um coral de vozes: *Foi preciso todos vocês juntos para me*

derrotar. O que farão quando a Mãe Terra despertar?

Outras vezes Jason estava no cum e da Colina Meio-Sangue e Gaia se erguia do solo, um a

figura form ada por um turbilhão de terra, folhas e pedras.

Pobre criança. A voz dela ressoava ao longe, fazendo trepidar o chão. Seu pai é o primeiro

entre os deuses, mas mesmo assim você está sempre em segundo lugar — em relação aos seus

camaradas romanos, aos seus amigos gregos e até mesmo em sua família. Como pretende provar

seu valor?

Seu pior sonho com eçava no pátio da Casa dos Lobos, em Sonom a. Juno estava parada diante

dele, reluzindo com o brilho de prata derretida.

Você me pertence, trovej ou a voz da deusa. Um presente de Zeus.

Jason sabia que não deveria olhar, m as não conseguia fechar os olhos enquanto

Juno virava

um a supernova, revelando sua verdadeira forma divina. A dor cauterizava a mente de Jason. Seu

corpo ia se desintegrando em camadas, como se fosse uma cebola.

A cena mudava. Jason ainda estava na Casa dos Lobos, mas era um garotinho de nome Áximo

dois anos. Havia um amulher ajoelhada a sua frente e um perfume de limão familiar. Seus

traços eram indefinidos, mas ele reconhecia sua voz: clara e delicada, com o mais fina camada

de gelo sobre um riacho.

Vou voltar para buscar você, querido, dizia ela. Logo, logo estaremos juntos.

Sem perceber que Jason despertava desse pesadelo, seu rosto estava coberto de suor. E lágrimas

ardiam em seus olhos.

Nico di Angelo tinha avisado: a Casa de Hades iria fazê-los reviver suas piores lembranças, os

faria ver e ouvir coisas do passado. Seus fantasmas ficariam inquietos.

Jason tinha esperado que aquele fantasma em especial permanecesse escondido, mas a cada

noite o sonho ficava pior. Agora ele estava subindo até as ruínas de um palácio onde um exército

de fantasmas havia se reunido.

Isso não significa que ela estará lá, disse Jason a si mesmo. Mas suas mãos não paravam de

tremeter. Cada passo parecia mais difícil que o anterior.

— Estam os quase lá — disse Annabeth. — Vam os...

BUM! A encosta trem eu. Em algum lugar além do cum e, um a m ultidão com em orou, com o

espectadores em um coliseu. O som fez a pele de Jason se arrepiar. Não fazia m uito tem po que

ele havia lutado pela própria vida em um coliseu rom ano diante de um a em polgada plateia

fantasm agórica. Ele não tinha a m enor vontade de repetir a experiência.

— O que foi essa explosão?

— Não sei — disse Piper. — Mas parece que eles estão se divertindo. Vam os lá fazer am izade

com alguns m ortos.



SOBRE O AUTOR

© Michael Frost

Rick Riordan nasceu em 1964, nos Estados Unidos, em San Antonio, Texas, e hoje vive em

Boston com a mulher e os dois filhos. Autor best-seller do *New York Times*, premiado pela

YALSA e pela American Library Association, por quinze anos ensinou inglês e história em

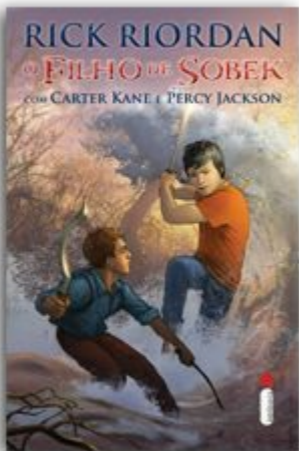
escolas de São Francisco, e é a essa experiência que ele atribui sua habilidade em

escrever para

o público jovem. Além das séries *Percy Jackson e os olímpianos* e *Os heróis do Olimpo*,

inspiradas na mitologia greco-romana, Riordan assina a bem-sucedida série *As crônicas dos*

Kane, que visita deuses e mitos do Egito Antigo.



SAIBA MAIS SOBRE AS SÉRIES DO AUTOR

[O filho de Sobek](#)

⌘⌘

PERCY
JACKSON

&
OS

OLIMPIANOS

⌘⌘

Conheça os livros da série

RICK RIORDAN

PERCY JACKSON

E OS OLÍMPIOS

1

O LADRÃO DE RAIOS



RICK RIORDAN

PERCY JACKSON

LE ROI OLYMPIEN

II

LE MER DE MONSTRES





[Livro](#)

[Três](#)

[Livro Um](#)

[Livro Dois](#)

RICK RIORDAN

PERCY JACKSON

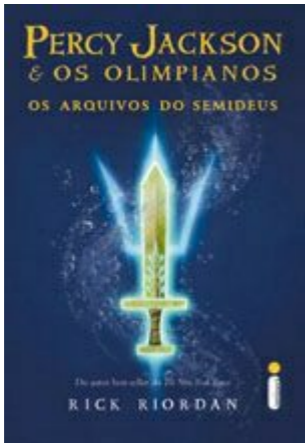
OS DOZE DEUSES

IV

A BATALHA DO LABIRINTO







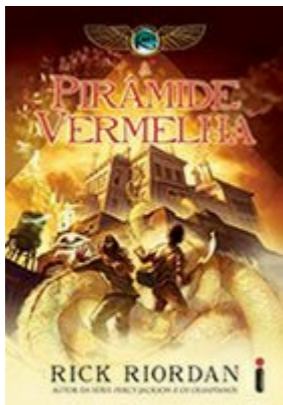
[Com panion](#)

[book](#)

[Livro Quatro](#)

[Livro Cinco](#)







Conheça os livros da série

[Livro Três](#)

[Livro Um](#)

[Livro Dois](#)







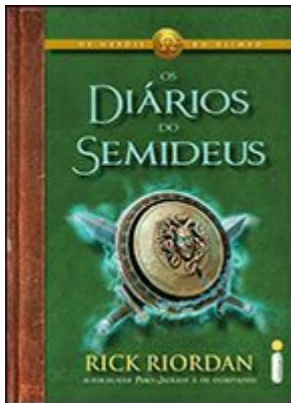
Conheça os livros da série

[Livro](#)

[Três](#)

[Livro Um](#)

[Livro Dois](#)



[Livro Quatro](#)

[Com panion book](#)



TÍTULOS RELACIONADOS

[Os forasteiros](#)

[Michelle Paver](#)



[O espelho do tempo](#)

[Catherine Fisher](#)



[A torre invisível!](#)

[Nils Johnson-Shelton](#)

Document Outline

- [Folha de rosto](#)
- [Créditos](#)
- [Mídias sociais](#)
- [O cajado de Serápis](#)
- [Leia um trecho de O sangue do Olimpo](#)
- [Sobre o autor](#)
- [Saiba mais sobre as séries do autor](#)
- [Títulos relacionados](#)